

Diario de Lisboa

Numero avulso: 20 CENTAVOS

Administrador e Editor

MANZONI DE SEQUEIRA

Tel.: 3194 e 3195-C. — End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANZO

SECRETARIO DA REDACÇÃO

ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, administração e oficinas

RUA LUZ SORIANO, 48

Impressão: Rua de Seculo, 43

LANÇE IMPREVISTO

A volta ao mundo EM AEROPLANO

vai ser tentada esta semana pelos aviadores Brito Pais e Sarmiento Beires

A noticia é tão imprevista, tão sensacional, dentro do seu aspecto audacioso e romantico, que não comporta palavras a mais ou devaneios literarios que lhe roubem a sua elegante simplicidade.

O leitor lê e pasma: dentro em breve, talvez ainda esta semana — e se, por qualquer motivo, não poder ser esta semana, será na outra, porque em avião nunca se pode contar com o dia de amanhã — dois aviadores portugueses, do que a nossa Aviação Militar tem de melhor, de mais audacioso e de mais solido em sciencia aeronautica, levantarão vôo de Vila Nova de Milfontes para tentar a volta ao mundo.

Esses aviadores são o major Brito Pais e o capitão Sarmiento Beires.

Audacia! Temeridade! Loucura! dirá o leitor. Não! Simplesmente beleza. Beleza cavalheiresca no gesto heroico, beleza romantica no veu de misterio que envolveu os preparativos da viagem, beleza moral na maneira de a pôr em pratica.

São dois pilotos valentes e conhecedores da sua profissão, a que se dedicaram com um amor invulgar, que vão tentar a formidavel façanha aerea da volta ao mundo. Não são dois anonymos. O *raid* à Madeira, posto que não resultasse por circunstancias imprevistas, deu-lhes renome. E de então para cá não descansaram. Viram a Aviação Maritima cobrir-se de gloria, com a travessia do Atlantico, e entenderam que a Aviação Terrestre tambem tinha direito a tentar alguma cousa de belo, contribuindo para engrandecer o nome de Portugal. Estudaram em segredo, prepararam tudo em segredo. E uma bela manhã disseram: «O aparelho está pronto, a epoca é a mais propria para tentar a viagem, falta só marcar o dia da partida».

O major Brito Pais encontra-se já em Vila Nova de Milfontes. O campo de aterragem é esplendido. Eles pensaram: «Aquilo é socegado. Pouca gente. Nin-

guem sabe para onde vamos. É um passeio. Depois se saberá».

O reporter, porem, não dorme. E o reporter sabe tudo. A revelação do formidavel empreendimento quiz o acaso que fosse feita pelo *Diario de Lisboa*.

O aparelho encontra-se ainda na Amadora. O capitão Sarmiento Beires devia levá-lo hoje ainda para Vila Nova de Milfontes.

Tem o nome sugestivo de *Patria* e foi modificado em Portugal, sendo-lhe aumentado o seu raio de acção. A sua envergadura é superior á de todos os aeroplanos que existem no nosso país. Pode fazer 20 horas de vôo seguidos, com um

restre está de alma e coração com os dois valentes aviadores.

E como conseguiram eles dinheiro para a viagem? Com sacrificio dos seus haveres. O major Brito Pais tem fortuna pessoal. Empenhou, vendeu, pediu emprestado. A aviação terrestre contribuiu com o que pôde. E assim conseguiram receita para pagar a gasolina.

Parece que houve certas dificuldades em conseguir o *agrement* official para a viagem. Sabe-se, no entanto, que o governo lhe deu o seu apoio moral, prometendo facilidades diplomaticas e consulares. Os passaportes já foram assinados.

O capitão Sarmiento Beires irá acompa-

trar: de Vila Nova de Milfontes a Tripoli. É uma das mais dificeis de cobrir.

Brito Pais e Sarmiento Beires seguem depois, sempre em vôos mais largos do que aqueles que foram planeados por Sacadura Cabral, a rota indicada para a volta ao mundo. Entenderam eles que a epoca mais propicia para tentar a viagem era a de Julho, Agosto e Setembro, por haver menor instabilidade atmosferica.

Pediram autorização ao ministerio da Guerra. Conseguiram-na. Vão partir. É mais uma gloriosa façanha, uma linda e magnifica aventura.

O *Patria*, que estava preparado para experiencias, subiu esta manhã, tripulado pelo capitão Beires.

No decorrer dum dos vôos de experiencia, verificou-se que o *Patria* necessitava ainda de algumas modificações. O aparelho, que numa descolagem sofreu um contacto duro com a terra, recolheu ao hangar, tendo sido desmontadas as azas e desaparafusada a helice, em conformidade com as indicações do aviator.

O pessoal da aviação da Amadora trabalha afanosamente, tudo levando a crêr que essas modificações se façam rapidamente. Pensa-se em aplicar ao aparelho um deposito de gasolina de maior capacidade, para aumentar o seu raio de acção.

O *Patria* que é o melhor aparelho da esquadrilha, foi comprado por subscrição publica a quando do *raid* Lisboa-Madeira, e oferecido aos dois intrepidos aviadores Brito Pais e Sarmiento Beires. Sarmiento Beires, logo que reconheceu que o *Patria* necessitava de ligeiras reparações, partiu no *Breguet 5*, para Vila Nova de Milfontes para comunicar a Brito Pais o que se passava.

Como o *Patria* deve estar pronto antes de quatro dias, a viagem de circumnavegação aerea deve, pois, iniciar-se na primeira quizená de Julho.

● Brito Pais e Sarmiento Beires, os oficiais da aviação terrestre, que tentaram o «raid» à Madeira, deviam partir amanhã, mas partem ainda esta semana para uma viagem de circumnavegação aerea.

● Saem do campo de Vila Nova de Mil Fontes em direcção a Tripoli, devendo cobrir mais de 2.000 quilometros na primeira etapa.

● Tentam a viagem com recursos da aviação militar e com recursos de seus proprios bens pessoais, e obtiveram licença do ministerio da Guerra.

tanque suplementar para gasolina. Tem depositos para cerca de 2.000 litros de combustivel e 1.400 litros de oleo. A sua velocidade é tambem maior do que a da maior parte dos nossos aparelhos.

Já devia ter saído ontem para Vila Nova de Milfontes. A partida estava marcada para as 5 da manhã. Mas como faltava ainda cumprir certas formalidades diplomaticas, assinar passaportes, expedir telegramas, a partida teve que ser adiada. Para quando?

Ainda não se pode dizer, por enquanto, a ultima palavra. Talvez ainda esta semana, em todo o caso na primeira quizená de julho. Sabe-se que partem, que está tudo a postos, que a aviação ter-

nhado de um mecanico até Vila Nova de Milfontes, tripulando o *Patria*, a fim de dar a ultima afinação ao aparelho. Por sua vez, o major Brito Pais que se tem dedicado com amor ao estudo da mecanica, é um tecnico de muito valor, e, alem de piloto habil e intrepido, será o mecanico da viagem.

Nos ultimos dias, os dois aviadores têm feito vôos de experiencia com o aparelho.

O itinerario da viagem foi estudado cuidadosamente. A' semelhança dos outros projectos que ha para a volta ao mundo, o vôo será no sentido dos ventos dominantes, de Ocidente para Oriente.

A primeira etapa tem 2.000 quilome-

Tauromaquia

A corrida nocturna de ontem

Assim como sabemos condenar, sabemos absolver. Organizaram para a noite de ontem, os srs. Bernardino Pinto e Artur Ribeiro, uma corrida que desfez por completo as más impressões da que tinham organizado na passada quinta-feira. Não porque o «cartel» da última fosse mau—não—o que devia era ter trazido também um curro de touros que tivessem pelo menos apresentação, muito embora eles saíssem mansos.

Não se poupavam desta vez a esforços, trouxeram tudo bom, desde o soberbo curro do sr. Antonio Lapa até ao maravilhoso «Faculdades». Não viram a casa cheia, mas, em compensação, os créditos renasceram.

A corrida classificou-se de muito boa e animada, especialmente a primeira parte, e quem sabe se tão cedo tornaremos a vêr outra igual. Não foi só o trabalho dos artistas; dos 8 touros do sr. Antonio Lapa, uma apresentação e tratamento esmerados, saíram 2 difíceis e os 6 restantes cumpriram; a percentagem foi animadora. Bons tipos, bem apresentados, suaves, e sobretudo de nobreza extraordinária.

Destacamos o 4.º touro-samoreno n.º 57, negro bragado-baiel-bravo, verdadeiro tipo de touro de lide, que conserva nos três terços todas as faculdades e que no país vizinho seria classificado como touro de bandeirra, com «vuelta al ruedo» no «arrastre». Proporcionou este animal ao «espada» «Faculdades» uma faina estupenda e colossal e a chamada á arena, de Pedro da Lapa, administrador da «ganaderia» de seu pai.

A falta de espaço não nos permitiu alongar, vendendo na necessidade de seccar a corrida.

1.º touro—Negro, listão, manso e saltador, para Simão (filho). Remata a garupa com 1 ferro á garupa, 1 ferro á meia volta, 1 ferro recoberto, muito b.m. e um curro á tira, com que ácha a lide, que aplaudimos.

Bom trabalho obrigando o mau a matar.

«Faculdades» tem uma faina adorada com a «muleta».

Agostinho, oportuno nos quitos, foi colhido duas vezes: uma ao saltar as taboas, outra num remate.

Chamada de Simão da Veiga (filho), «Faculdades» e Agostinho.

2.º—Negro, listão, comprido, para Alfredo Santos e Custodio Domingos. Ambos banderilham e variam o trabalho, um par a quarto e outro segado bona, de Alfredo—um par a quarto e um de frente de Custodio bona. «Faculdades» traete e entusiasma passes naturais, por alto, redondos, de joelhos tudo é perfeito, marca com banderilha a estocada recebendo. Sem os homens de barrete para a pega, só conseguindo Manuel Burrico á terceira tentativa, e depois duma boa ajuda, fazer a pega ao sopé. Este touro foi bem banderilhado e bregado á bresaindo neste ultimo trabalho «Angelillo».

3.º—Negro, listão, voluntário, para D. João Mascarenhas. Bom trabalho e ferros bem colocados, D. João Mascarenhas sangra com arte e coloca 3 ferros compridos 1 á garupa, 1 á tira e 1 cambiando terrenos rematando á garupa muito bom. Fez com um curro rematado a meia garupa esplendida. Boa brega de «Angelillo», Agostinho e Alfredo.

4.º—Para «Faculdades». As características do touro já as inunciamos. 1.º terço, «Faculdades» recebe o touro por verónicas cingidas e paradas do seu estilo fino e classico rematando com meia veronica. 2.º terço, 1 par de banderilhas a cambio super; 2.º de frente esplendidos que lhe dão grande ovacão. 3.º terço, desmbrilhando-se o touro da este esquerda, faz com a muleta um trasteo estupendo. Adorna-se e cinge-se dando passes naturais, por altos redondos e de «rodilhas». A sua faina é corada por «oles» e palmas. Grande ovacão.

5.º—Negro, tardio, para D. João Mascarenhas. O trabalho deste amorador neste touro, não nos agradou. O braço direito estendeu-se por vezes de mais. Colocou 4 ferros compridos 2 a meia volta e 2 á tira, fechando com um curro á tira com toque na motada. Pareceu-nos que o publico se vai aborrecendo de o vêr citar com o cavallo «Faculdades». Pega de volta sem merecimento.

6.º—Para «Faculdades». 1.º terço, lanceia por verónicas e remata com meia larga afarelada. 2.º terço, «Angelillo» banderilha com «Faculdades», não merecendo o primeiro registo pelo seu trabalho, foi «chido» e voltado duas vezes. «Faculdades» coloca dois pares por terrenos de dentro bons embora um a touro parado.

O touro foi mandado pegar á volta, não sendo consumada a pega. Pareceu-nos que podia tê-lo sido ao sopé. 7.º—Negro, voluntário, para Simão da Veiga Junior. Cravou este novel artista varia ferragem, uma regularmente, outra boa, especialmente um comprido eitando pela esquerda consentindo a recarga e rematado á garupa — e o primeiro curro que meteu —. Brega de José da Costa e Agostinho; boa.

8.º—Negro, bragado, o touro mais fraco do curro para Agostinho, Raposo e Carvalho. Meio par a gaiola do primeiro, um muito mau do segundo, e um quarto bom de Carvalho. Faculdades consente bem um par a embio e crava um par segado, aplaudidos.

Pega ao sopé depois de um derrote, caído touro e forçados. Brega boa de Angelillo Agostinho na primeira parte; na segunda, saltando, Custodio, Alfredo e José da Costa.

Lembramos aos cavaleiros que não devem levantar tanto os ferros — tira a estetica da preparação das sortes.

D. José Mascarenhas dirigindo como de costume. Falhou o novillheiro José Carlos Cardenas por não ter conseguido visto no passaporte substituído-o os organizadores por «Angelillo».

El Rodriguez

Dr. Cordeiro Lobato

Garganta — Nariz — Ouvidos
Das 4 ás 6 — Chiado 36, 2.º — Tel. L. 5020

LAXEOL

O unico producto que cura
todas as doenças intestinaes
Lab. Farm. Internacional — R. DO OURO, 228

Termas

A todas as pessoas que vão para o campo ou termas, lembramos que se torna indispensavel levar uma caneta de tinta permanente. A marca Kaweco é das melhores e mais baratas. A venda em todas as boas casas do genero.

Economia e Higieno no calçado
obtem-se com o CRENE CRISTALINO

Sapataria Contente, L.ª

74, RUA DO CARMO, 74

A' BEIRA DO MONDEGO

Coimbra

terra santa de bruma e de lirismo

Ha terras que excitam, que enervam, que desorientam—como vertigens. Outras, que embalam, acarinhm e adormecem—como narcoticos. Umas, são escravas da vida. A vida é que as anima, a vida é que as dinamisa. São as metropoles sensuais dos apetites e das volupias soffregas. São as odaliscas do Instinto, ebrías de sons, ebrías de seivas, ebrías de fremitos novos e de reflexos desconhecidos. Outras, pelo contrario, existem sempre na mesma calmaria, na mesma beatitude, na mesma placidez maravilhosa e enternecida de claustro. Nas primeiras, a paisagem é uma quermesse violenta de luz, uma bisarria scenografica de tintas. Grita, vibra, canta alto a adolescencia pletorica das seivas, num imenso alarido glorioso. Nas segundas, o horisonte é uma alegoria de penumbras de seda, um oratorio de azul e de bruma, onde o esquecimento se abriga, na graça luminosa das suas largas tunicas de enlêvo. E' bem assim. Umas terras são ardentes e superficiais—a sua excitação é efemera como uma brasa e inconsciente como um desejo; outras terras são aflagadoras e balsamicas—e a sua abençoada serenidade é mansa como um veludo e consoladora como uma caricia.

Emquanto aquelas são arraisais em festa—estas são parques em idílio. Emquanto naquelas se vive á solta, sobre as cordilheiras altas da força—nestas vive-se em surdina, na grave confidencia dos extases contemplativos. E enquanto as terras que enervam são, para nós, caminhos de exaltação e de extotamento—as terras que cismam e que aflagam, são, para nós, os ancoradouros do socego, os vastos paraísos misticos do sonho.

Coimbra é uma terra das segundas — uma ilha de subjectivas peregrinações, um ambiente milagroso onde cada qual visita, comovidamente, a cidade morta das suas evocações e dos seus enlevos. Essa poeira de azas ascendentes e de impulsos insaciaveis que todos guardam, dentro do seu mais intimo labirinto, em Coimbra toma um novo alento e uma nova fé — e ergue se, e palpita, e cresce, e lança-se no espaço, e paira, embevecida e viciosa, entre a longa tapeçaria religiosa do panorama. Coimbra não é uma terra viva — ela está acima da vida, distanciada da vida, como um mosteiro de almas distanciado de um festival vertiginoso. Coimbra não é, também, uma terra morta — porque ela domina a Morte, na eternidade extatica das suas linhas ritmicas. Coimbra, o que é, é uma terra de isolamento — onde, para quem saiba e quem possa entender a beleza suprema da sua atmosfera lirica, se encontra o mais completo e o mais emotivo exilio dos espiritos ávidos e das aspirações ilimitadas.

Coimbra é a patria cinzenta deste imenso voo interior que nós temos sempre, olimpico e martir, a crucificar-nos e a divinizar-nos — este imenso voo que faz, de cada primavera, um golgotha, e, de cada impeto meço a perpetua tragedia de Icaro, a glorificada-vitima das Azas, o Heroi que quiz ser o Imperador da Altitude e que o Destino atirou para a mais bela e mais florida derrocada...

Eu posso falar de Coimbra porque sinto Coimbra, porque o sangue musical e conventual de Coimbra corre, como um fluido laminiado, nas arterias inquietas do meu Sonho. Posso falar de Coimbra, porque trago Coimbra sempre no andor da minha Arte — porque sinto Coimbra em certas frases estilizadas que têm a preguica anforica das suas colinas; porque, sem querer, nos personagens das minhas novelas ou no recorte das minhas meditações, eu encontro de repente, expositanea e funda a alongada patine de Coimbra, no seu fatalismo insatisfeito, na sua dolorosa acia de cumeadas e de luminosidades, na indefinida vastidão das suas quimericas viagens, viagens infundaveis pelas planicies milagrosas do Azul. Coimbra está bem carinhosamente oculta no sacrario da minha intimidade. Ela é o meu oasis incansavelmente procurado, entre o deserto barbaro e imperfeito do Destino.

Quando ha uma ambição a esquecer, uma decepção a cicatrizar, um esforço inglorio a diluir, é Coimbra que eu busco como um maravilhoso e claro sanatorio. E' Coimbra que me acalma e que me enfeitica, com a indolencia loura da sua luz, a linha flexuosamente languida das suas perspectivas socegadas, a quietação apaziguante dos seus luars de perola, a pousar como um veu de ouro sobre o presepio medieval da sua casaria acastelada. Coimbra é o meu opio, o meu sono d'elegia e de nevoa. Que me importa a Vida, os seus ciclones torvos, os seus abismos perversos, as suas cidades inimigas? Em Coimbra encontro sempre o remedio contra as feridas espirituais e contra os calvarios intimos. Em Coimbra, vejo-me acima das convulsões e das misérias, das trações negras e das punhaladas rasteiras. Em Coimbra, elevo-me. Em Coimbra, durmo. Em Coimbra, desapareço para mim o imenso, o maléfico pesadelo da Vida. Coimbra vence-me, domina-me, tem sobre mim um efeito transfigurante de bruxedo — porque sendo, para os meus nervos, Nossa Senhora da Indolencia, Nossa Senhora da Bruma — Coimbra é, para o meu espirito, Nossa Senhora do Exilio, Nossa Senhora do Sonho...

João Ameal

FOOT-BALL

O campeonato de Portugal



A entrega dos ramos ao iniciar-se, em Faro, o desafio de «foot-ball» entre os dois «teams» finalistas

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa das Galvêas, D. Tereza da Costa e Silva (Ovar). D. Maria da Graça de Sequeira (S. Martinho), D. Febronia de Abreu, D. Maria Emilia Viana Machado Mendes de Almeida, D. Maria Augusta Fortes de Magalhães, D. Maria Francisca de Castello Branco, D. Olimpia Cunhal Patricio, D. Constança Miquelina Torres e mademoiselle Maria Teixeira da Silva Navarro.

E os srs.:

Marquez de Olhão, Conde de Fox, Conde do Juncal, dr. Raul Borges, Pedro Paulo de Freitas Branco e Joaquim Felisberto Soto Maior Ferreira Pinto Basto.

Casamentos

Hoje realizou-se na parochial igreja dos Martires, o casamento da sr.ª D. Julieta Vasques Machado, gentil filha da sr.ª D. Maria Amodeo Vasques Machado e do distinto jornalista sr. Augusto Vasques Machado, com o nosso colega na imprensa sr. Ivo de Monforte, tendo servido de madrinhas madame Xavier da Silva e a mãe da noiva e de padrinhos os srs. Xavier da Silva e Eacacio de Jesus Silva, sendo o acto religioso celebrado pelo reverendo prior Bernardo Cabrita, que no fim da missa fez uma brilhante allocução.

Terminada a cerimonia religiosa foi servido na residência dos pais da noiva um fino «lunch», seguindo depois os noivos para Cintra, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valizas prendas.

— Foi há dias justo oficialmente o casamento da sr.ª D. Isabel da Costa de Sousa de Macedo de Freitas Branco, gentil filha da sr.ª D. Marieta da Costa de Sousa de Macedo de Freitas Branco e do sr. Fideio de Freitas Branco, já falecido, com o sr. Sidonio Bessa Pais, filho da sr.ª D. Maria dos Prazeres de Bessa Pais, e do sr. dr. Sidonio Pais, já falecido.

O casamento deverá realizar-se ainda este ano.

Na parochial igreja de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se há dias o casamento da sr.ª D. Branca de Sousa Estrela, interessante filha da sr.ª D. Maria Antonia de Sousa Estrela e do sr. Agostinho Estrela, com o sr. Augusto de Quadros Reis, filho da sr.ª D. Estefania de Quadros Reis, e do sr. Cesar Meyer de Quadros Reis, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Findo o acto religioso foi servido na residência dos pais da noiva um fino «lunch», partindo depois os noivos para o Algarve, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de artisticas prendas.

— Há dias realizou-se na parochial igreja de Bemfica, o casamento da sr.ª D. Palmira de Sequeira Machado, interessante filha da sr.ª D. Emilia de Sequeira Machado e do sr. Antonio Melquides de Sequeira Machado, já falecidos, com o sr. Antonio Sebastião Spínola (Vadaveço).

Serviu de madrinha a sr.ª D. Maria Luiza Mardeh de Sousa da Camara e de padrinhos os srs. drs. Manuel de Sousa da Camara e João Catanhe de Menezes, tendo sido o acto celebrado pelo reverendo prior sr. Francisco Maria da Silva.

Nascimentos

Teve há dias o seu bom successo a sr.ª D. Dayse Maria Cohen de Bettencourt, esposa do sr. Diogo de Vasconcelos Corcia Bettencourt. Mãe e filho encontram-se bem.

— A sr.ª D. Guimara Maria de Laxman Ferreira Pinto Bastos de Sousa e Menezes, esposa do sr. D. Simão de Saldanha de Sousa e Menezes, teve há dias o seu bom successo. Mãe e filho estão bem.

— Há dias teve o seu bom successo a sr.ª Ema Esteves de Oliveira, esposa do sr. Antonio Domingos de Oliveira. Mãe e filha encontram-se de saude.

— A sr.ª D. Helena Moreira de Carvalho, esposa do sr. Justino José Henriques de Carvalho, teve há dias o seu bom successo. Mãe e filha estão bem.

— Teve o seu bom successo, dando á luz um rubisto rapaz, a sr.ª D. Maria Luiza Soares Vieira, esposa do sr. dr. Gonçalo Vieira dig.º medico em Estarreja. Mãe e filho encontram-se bem.

Pontos de reunião

Agenda

Amanhã a nossa sociedade elegante dará «rendez vous» de tarde nas «matinees» do Salão Fox e Chiao! Terras e á noite no Teatro Avenida onde se realiza a festa artistica da brilhante actriz Adeline Abrantes, com a primeira representação em «répise» da linda peça «Para viver feliz».

Em viagem

Parte brevemente para Vila do Conde, madame Laguerantz, filha da sr.ª baronesa de S. Jorge de Kantow. — Para Torres Vedras, onde foi passar uma temporada com sua irmã D. Mariana, partiu a sr.ª D. Amalia da Costa de Sousa de Macedo (Mesquita), gentil filha dos condes de Mesquita.

— Está em Lisboa, vindo do Norte, o sr. D. José de Serpa Fimentel.

— Com sua familia partiu para os Cucos, o sr. coronel Carlos de Roma Machado.

— Chegou a Lisboa vindo de Estarreja o sr. dr. Gonçalo Vieira.

— Parte hoje á noite para Proença-a-Velha o sr. José Teotónio Pereira Proença da Fonseca, distinto aluno do 7.º ano do Collegio Militar.

Homenagem a Brazão

Realiza-se amanhã

Efectua-se amanhã no Apolo, a recita de homenagem ao illustre actor Brazão. O espectáculo consta da «répise» da «Má sina», com Brazão, José Ricardo, Ilda Stichini, Gastão Alves da Cunha, Mendonça de Carvalho, Leopoldo Santos e Arriaga, e do original de Lopes Mendonça a «A saudade» que terá como interpretes, além do homenageado, Maria Matos, Ilda Stichini e Mendonça de Carvalho.

A venda de bilhetes já começou e têm sido procurados com verdadeiro entusiasmo.

As despedidas de «O Meu Homem»

No Apolo é já esta noite a ultima representação da impagavel peça «O meu homem» em que José Ricardo possui o condão de manter o publico em permanente gargalhada.

Doenças das senhoras, 2 ás 5 — R. Ivens, 50, 1.º

Dr. A. Pina Junior

Doenças das crianças Cirurgia Infantil
Das 4 ás 6 — CHIADO, 36, 2.º — Telef. L. 5020

OPINIÕES LIVRES

PAGINA

DE QUINTA-FEIRA

POR NORBERTO DE ARAUJO

AS CALÇADAS DE LISBOA, E AS RUAS DO SOL -- OS CRITICOS COMO ELES NÃO DEVIAM SER -- LEOTE DO REGO, MARINHEIRO, E O ALMOÇO A BORDO -- O "CRUZEIRO DO SUL" DE NORBERTO LOPES, E A ALMA PORTUGUESA EM -- PORTO SEGURO --

Uma das características de Lisboa — é a calçada. Madrid não tem calçadas; Paris não tem calçadas. Das cidades que meus olhos viram, Roma, Veneza, Bordeaux, Turim, Barcelona, o Rio de Janeiro, e as outras todas Londres — não têm calçadas. A cidade planície é uma sinfonia monótona. É um azul estendido, igual como o mar, que só varia quando ha tempestades, e quando a superfície polida, como cerâmicas velhas, do Oceano tão manso, aflora o sinal da congestão intima. A cidade que está á espera das revoltas para, do seu alto, contemplar a seara ondulada e dourada do povo; cujas espigas são o Pão da vida, que nenhuma ceifa de Flandres extingue — é uma cidade imperfeita.

Adoremos o Porto, invicto, cheio de prosapia, cinematográfico e movimentado, como um globulo puro do sangue da Raça; adoremos Coimbra, como um outeiro florido, que canta e se deixa arrastar de elegias, de lá cima por li abaixo, como agua que vem feliz encontrar o leito onde se estende, lirica e sensualmente; adoremos Lisboa e as calçadas ingremes, onde as carroças metem dianteira, as casas parecem degraus de trono, todas as janelas são um estendal, e quando é pelo S. João e pelo S. Pedro, as guitarras, as algazaras, as vozes dos bebedos e as cantigas dos vagos apaixonados sempre de qualquer cousa de amor que herdaram naturalmente da tara dos pais — vem por ali abaixo consoladoramente.

A calçada é a voz da emoção na garganta ruidosa das gentes; é a escala que dá, nitida, orquestralmente, as notas do povo anonimo, a subir, a descer, a contemplar-se. Foi do cimo das calçadas que Lisboa se habituou a aventurar os olhos, e a gritar depois as glorias maritimas para o resto do país.

Em Londres uma procissão, um cortejo, um tumulto, tem a superfície das almas vasias de aspiração. Em Lisboa — um simples enterro de um menino que desce as ruas inclinadas tem uma expressão poderosa de beleza decorativa. Ha nos cortejos pausados, um ritmo como nos versos que se faziam antigamente. Ha claridade. E é talvez por isto que todas as calçadas em Lisboa são mais ou menos Ruas do Sol.

Lembra-me agora isto porque hoje é vespera de S. Pedro, e o calendario fecha as noites — e agora ha tanto luar! — as noites de esturdia licita, turbulenta, roufenha. Secam os mangericos; começam a mentir as juras de amor nos cravos de papel. As calçadas não dão mais gente para os Rocios. Elas vão ser simplesmente, como veias de um corpo energico, o escudoiro por onde de manhã e á noite as gentes humildes, as costureiras e os operarios, descem para o grande atelier, para a grande fabrica misteriosa de vida.

A vidal Ha cravos cõr de rosa nas varandas e ha luar. Corporizemos a alegria, e levemos as nossas violas, todo o resto do ano, sempre pela rua do Sol acima.

Eu não creio nos criticos. Nem os nossos nem os outros. Criticar é negar. O

espírito critico só abstracta, metafisicamente, pode dar uma virtude. Objectivar a vida, senti-la ou ensiná-la pela critica, é pôr um rictus de mau humor inerte na face radiosa da Ação.

Os criticos sabem muito. Que guardem, senhores, o seu santissimo saber, e deixem a existencia á vontade nos braços da beleza selvagem, e na posse das aspirações insofridas e tumultuosas! Em Portugal o que ha de bom concebeu o a inspiração e realizou-o o instinto. O que ha de mau — fê-lo a critica. Comentemos a beleza á porta do jardim, no «hall» de cupula alta e lavada, onde passeamos, nós, os de vista educada e ouvido sensibilizado para as notas finas da Dôr e da Harmonia. Comentemos a beleza como se comenta o Amor, com beijos ou com flôres. Mas não armemos constantemente um estrado na Praça Publica, como teologos de todos os saberes, fechando a beleza ao imprevisto, e torcendo, sem generosidade, a cabecita debil e graciosa da alegria, só porque a alegria, uma vez andava nervosa, e ri de mais.

Na politica e na arte o espirito critico que nós usamos tem qualquer coisa de franciscano, retirando á santa palavra o sentido original da bondade que a creou, e deixando-a ficar no simbolo da escuridão.

Não sei que filosofo dizia — Guyau me parece — que não ha senão duas coisas a combater no terreno intelectual: o dogmatismo e a intolerancia.

A critica, quando excede os limites do comentario ameno, da impressão fugaz, do pretexto literario ou do ensinamento, converte-se numa impertinencia dogmatica. Tolerá-la, vestida de Cesar, passeando pelos livros ou pelos jornais, e incendiando Roma para satisfazer um capricho, é a negação do espirito da liberdade.

A critica portuguesa, que é a mais nobre do mundo, atravessa um periodo de irritação e ausencia do sentido de pro-

porções. Com excepções transitorias, eu sinto isto todos os dias, e ainda que pareça odioso dizê-lo — digo-o.

Nós, jornalistas, conhecemos muito os politicos. Conhecemo-los admiravelmente. Conhecemo-los tão bem, como os medicos riais conhecem os reis. Todo o jornalista que tem passado o todo ou a parte da vida profissional a realizar entrevistas, tem entrado na camara dos doentes. Não ha em Portugal chefe de governo, politica de situação, homem publico — que não tenha uma mazela. Quem imagina o jornalista, entrevistador ou comentador um simples fotografo, engana-se. Curador de opiniões, corrector de ideias, é o que eles são muitas vezes. Se o publico soubesse! Se os politicos se lembrassem!

Quando morre em Portugal um homem conhecido, artista, politico, escritor ou simples personalidade que um dia teve de pôr o chapéu alto da publicidade, o jornalista logo relembra: falei-lhe tal dia. Surpreendi-o tantas vezes. Era assim...

Este minuto de comentario, seria para a Historia o maior e o melhor de todos os subsidios. Os politicos ás vezes appareciam deformados, mas appareciam tal qual.

Deste homem que passou ontem, entre padres e marinheiros, e seguido por uma nuvem de fardas e vestes pretas aconchegadas no fundo dos automoveis, por esta linda rua Luz Soriano abaixo a caminho do cemiterio, descendo uma calçada ingreme para subir a outra, até na morte mostrando que tinha altos e baixos; deste homem pode o jornalista, dando tratos de volta á memoria recolher silenciosamente este conceito: «era um português, amoroso e impetuoso, que tinha a paixão da aventura impressa na sua saudade historica, e que queimava prosapias lendarias em conversa, como fumava ininterruptamente cigarros.» Uma vez almocei com ele na sala de jantar de um navio chefe, onde dantes jantava o

Rei. As pratas tinham armas, e andava ainda pelo ar, ou dormitava nos entalhes da teca do trinchante, o fumo dos charutos que fumava o sr. D. Carlos. O almoço era de bacalhau e acabou com «champagne». Durante o bacalhau e o «rouge», o comandante falou uma hora seguida de actos de bravura, em Africa e no campo santo do mar, praticados por seus camaradas officiaes marinheiros. Na altura do ouro espumante fez o elogio do Monarca morto, como de um principe de raça. Estava-se em pleno jacobinismo...

A noite passada, no Camões, depois de termos observado mais uma vez a digressão nocturna e pirata da coruja branca dos Martires, que todos as noites — dura ha dois anos — vae á arvore grande da praça, e arrebatava dois pardais, áquela hora entretidos no sonho de um bago de trigo e de um tanque fresco, á beira das searas — eu, o Jorge Faria e o Cardoso Marta ouvimos, deliciosos, o Norberto Lopes contar os episodios ingenuos que acompanharam, talvez que caracterizaram, a viagem dos aviadores pelo Brasil, depois da travessia. Não vem no seu livro maravilhoso, que é a cronica mais bela e mais verdadeira, mais flagrante e mais vivida de todas as que se escreveram sobre essa pagina da Historia, livro — o *Cruzeiro do Sul* — que o governo devia ter adquirido para as escolas, para a propaganda da aventura, para consolação de milhares de portugueses perdidos por essas colonias perdidas do mundo todo da emigração.

E contava o meu camarada que quando o *Republica* chegou a Porto Seguro, que desde Pedro Alvares Cabral não via navio português, o desembarcaram o comandante Muzanty, o jornalista poeta, lindo espirito que é Tomás Ribeiro Colaço, e ele, Norberto, — em terra se fez uma recepção como a Alvares Cabral e a dois cronistas que fôsem. Se guiram debaixo de improvisados palios, confundidos na indumentaria das gentes primitivas, vivendo a mesma hora de ternura humida que viveram os portugueses que ergueram ali o padrão, que na propria pedra o tempo carcomeu.

E dizia um homem:

— Sômos portugueses, dos primeiros que para aqui vieram e aqui ficaram e aqui foram nossos trisavôs. Brasileiros não somos senão porque sômos portugueses...

E no outro dia, iam todos, em centenas, tocar com o dedo a tela do hidroavião, para depois passar o dedo pela boca e beijar a terra portuguesa.

Estava — senhores! — carcomida a pedra do Padrão, e demais era pedra. Mas a alma portuguesa com 500 anos, estava ali firme e riça, nacionalizada e amorosa, saudade de terra tornada fossil, orgulho brotando lagrimas.

E lembrar-se a gente que ha tanto português que se desnacionaliza só por ter passado dois meses e meio em Paris, ou por assinar as revistas londrinas de finanças e de caricatura!

Norberto de Araujo.

TEATRO SAO LUIZ
HOJE — Quinta-feira — HOJE
O MAIS EXTRAORDINARIO SUCESSO
2.ª apresentação do celebre ventríloquo espanhol
CABALLERO CASTILLO
Verdadeira fabrica de gargalhada
Luxuosa apresentação
36--BONECOS FALANTES--36
Os famosos duelistas luso-brasileiros OS JERCOLIS — A notavel bailarina LOLITA GALVEZ — A graciosa cancionista CARMEN SORBE — Os afamados acrobatas de Salão OS LUSITANOS
Preços populares
DOMINGO — UNICA MATINÉE

S. CARLOS Telef. C. 5063
Companhia LUCILIA SIMÕES
HOJE — ENTUSIASMO E CONCORRENCIA
MAGDA
por LUCILIA SIMOES
Schwartz ERICO BRAGA — Notavel conjunto —
Esplendida encenação de Antonio Pinheiro
Primoroso programa pelo sexteto
Bilhetes desde Esc. 2500, á venda, de dia, sem
aumentos, «Fauteuils» 6500. Frisas e camarotes
25500 e 15500.

APOLO Telefone n.º 4129
A mais graciosa das peças
O meu homem
com Jose Ricarao e Ilda Suchini
ULTIMA REPRESENTAÇÃO
Sabado, 30 — Recita de homenagem a
Eduardo Brazão, as peças «MÁ SINA»,
de Bento Mantua e «A SAUDADE», de
Lopes de Mendonça.
BILHETES A VENDA

Nacional Telef. N. 3049
Sexta-feira, 29 — Definitivamente
EPOCA DE VERA
Primeira representação da peça em 3
actos, original de João Bastos e Henri-
que Roldão
A VIUVA GOMES
desempenhada por toda a nova companhia
Bilhetes á venda

COIMBRA ENGRANDECIDA

A PROPOSITO DUMA CAMPANHA

O CAFÉ-“RESTAURANT” MAIS “CHIC” DO PAÍS

Coimbra renasce, engrandece-se, modernisa-se. Quem hoje a visitar tem de perseverar o espirito contra toda a sorte de surpresas, maiores de instante a instante, de passo a passo. Aqui, é uma fabrica, formidável no seu tamanho e labôr, além é ainda uma demonstração nova de progresso que se nos depara.

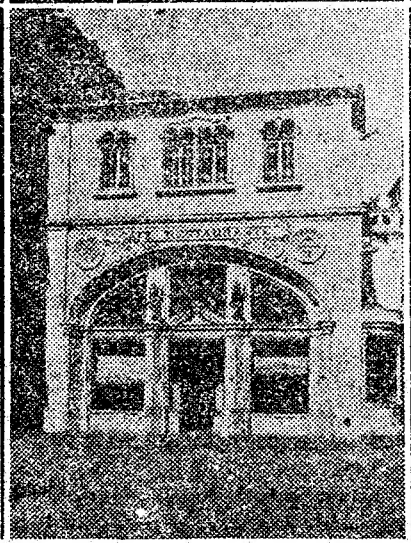
Enós, que há já anos não visitávamos Coimbra, atravessávamos a cidade, susprezos, a alma vivendo emoções novas, confrontando a Coimbra de hoje com a Coimbra de ontem, até que o sol abraçador que nos queimava, nos advertiu pela segura da garganta e muito calor com que asfixiávamos, a procurar um café, qualquer estabelecimento que, oferecendo um pouco de comodidade, nos livrasse também um pouco do martirio torturante da temperatura, matando-nos a sede enorme que ela nos provocara e com que nos incendiava.

Um amigo, antigo condiscipulo, que apoz a sua formatura ficara em Coimbra e com quem o acaso nos fez deparar — estávamos na rua da Sofia — ao tomar conhecimento do nosso desejo presta-se gentilmente a servir-nos de «cicerone» e conduz-nos até à Praça 8 de Maio, encaminhando-se para um estabelecimento, que, fazendo esquina com a rua Martins de Carvalho, se encontra situado ao lado da

Igreja de Santa Cruz — era o Café.

Baquiabertos, quedámos mudos de espanto, na contemplação do que se patenteava a nossos olhos: era, efectivamente um café!... Mas que café!... Como em Lisboa não ha, não encontramos sequer igual.

E não sabíamos que mais admirar: se a elegancia da disposição, o esmero e correcção do



serviço, se a sumptuosidade do mobiliário e aspecto, se a riqueza do estilo arquitetónico, que o embelesa.

O estilo, salvo ligeiros erros — devidos talvez á força das circunstancias e do momento — é

manoelino perfeito. O tecto, abobodado, oferece um cunho forte de tradicionalismo que bem nos dispõe. E a estetica, onde a arte predomina, é impecável de rigor.

O café-restaurant Santa Cruz — assim se denomina este grande estabelecimento — é, podemos-lo afirmar sem receio de contestação, o primeiro de Portugal, pelo estilo, conforto, esmero, correcção e sumptuosidade. A frequencia distinta e seleta.

* * *

Seguimos com natural curiosidade, a campanha, ha tempos movida contra a abertura desta casa. Confessamos, ela não nos preocupara muito e portanto, não chegamos a formar uma opinião definida sobre o assunto, mas, hoje, porem, não podemos deixar de reconhecer o quanto ela foi injusta.

E alguns pormenores a que então não ligamos importancia de maior, nos surgem agora, cheios de luz e de razão, justificados no fundo de verdade em que se firmavam, como seja o argumento irrefutavel de autoridade, apresentado pelo saudoso jornalista, general sr. Martins de Carvalho e que, derrubando tudo quanto se dizia, afim de impedir que essa obra honrosa de turismo se efectivasse, veio esmagar, demolir a campanha injusta que se movia então.

Pretendiam os obreiros da campanha, fazer crer que o edificio, era, nada mais nada menos, que o antigo convento das Donas. Mas o saber autorizado do velho general, amigo como poucos da sua terra, que tanta vez defendeu e honrou pelo brilho fulgurante da sua pena de ouro, desarmou-os, confundi-os, apoiado pelo sr. dr. Augusto Mendes Simões de Castro. Provou-se que o convento das Donas, ficava situado ao norte da igreja de Santa Cruz, no local onde hoje se ergue o edificio da Camara Municipal.

Calada aquela, o café terminou as suas obras, abriu as suas portas e enriqueceu Coimbra, com um estabelecimento que não só honra a cidade, como o país que o possui.

* * *

Foi o sr. Jaime Inacio dos Santos, o architecto que concebeu esta obra e que a cidade com desgosto viu transportar a sua residencia para Aveiro.

E terminando, não podemos deixar de felicitar a Empresa do suntuoso café, e que é composta pelos srs. Adriano Viegas da Cunha Lucas, Adriano Ferreira da Cunha e Mario Pais, pela iniciativa de haver dotado Coimbra com um estabelecimento, hoje, inegavelmente, o melhor do país.

UNIAO, LIMITADA

ARMAZEM DE MERCEARIAS E FARINHAS

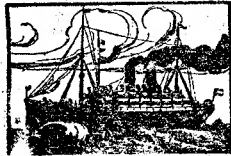
REFRIGERANTES BOM JESUS

DÉPOSITARIOS

RUA DA MOEDA, 94 -- RUA JOÃO CAPELINA, 41-43

TELEF. 647 — TELEG.: UNIAO

COIMBRA



Antonio Fernandes & Lagôas

AGENTES DE PASSAGENS E DE PASSAPORTES

Rua do Corvo, 56, 58, 60

COIMBRA

Vendem passagens para todos os portos do Brasil, Africa Oriental e Ocidental, America do Norte, França, etc. — Solicitam passaportes para França, Brasil e America do Norte e todos os documentos para os obter.

José Maria dos Santos Junior & C.^a

ARMAZEM DE:

Vinhos

Azeites

Gorduras

Cereais

e legumes

Terreiro do Mendonça, 5

Rua Adelino Veiga, 49

COIMBRA

Telefone: 553 — Telegramas: Zepadilha

Sub-agentes das Aguas da Curia

MELINA

O MELHOR E MAIS EFICAZ MATA FORMIGAS

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Deposito Geral

Fernandes, Almeida & C.^a, L.^{da}

Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1.^o

GRANDE LIVRARIA

VENDE-SE A 2\$00 O KILO

10.000 volumes que pertenceram ás bibliotecas do Colegio de Campolide, Convento do Barro, Convento do Varatojo, etc.

R. do Arco a Alcantara, 46

COIMBRA COMERCIAL

ESTABELECIMENTOS QUE EM NADA
SÃO INFERIORES AOS MELHORES
DE LISBOA E PORTO

A CIDADE EMANCIPA-SE PELO TRABALHO

O que vimos nos Armazens Guimarães & Carvalho, Sucessor

Alguem nos dissera que os Armazens de Tecidos de lã e de algodão, Guimarães & Carvalho, Sucessor, situados na rua da Madalena, n.º 7, eram dos melhores do genero, no país, e em tudo dignos de registo e de visita.

O *Diario de Lisboa*, dedicando um numero especial á cidade de Coimbra, perante o que acabamos de ouvir sobre a importancia e grandeza desses Armazens, merecedores de menção especial, honra do comercio local e do país, não podia deixar de referir-se a eles, pela pena do seu enviado; tradutora fiel do que este visse e julgasse.

Assim, dirigimo-nos á rua da Madalena e, verificámos com prazer em nada ter sido exagerado tudo quanto nos fôra dito sobre a grandeza desses armazens.

Recebidos pelo seu proprietario o sr. Julio de Carvalho, espirito empreendedor e honestamente ousado de comerciante, que imediatamente se poz á nossa inteira disposição com uma gentileza que nos captiva, iniciámos a nossa visita pelos armazens, instalados num predio de recente construção (instalação propria) e que nos deixou o melhor e o mais agradavelmente impressionados.

Dependencias amplas e luxuosas, os armazens do sr. Julio de Carvalho encontram-se peçados de fazenda, tecidos de lã e algodão, os mais variados e os mais interessantes, e, francamente, não cabiamos em nós de surpresa pela ignorancia em que viviamos do desenvolvimento comercial porque Coimbra está passando e pela ausencia da menor suspeita em que sempre estivemos da existencia, nesta cidade, de armazens, como estes, em tudo dignos e quiçá superiores aos de Lisboa e Porto.

E já que assim nos exprimimos, podemos afirmar, sem receio de contestação, que estes armazens são no seu genero, o melhor e mais importante estabelecimento de Coimbra e que a actividade do sr. Julio de Carvalho, servida

numero de empregados de praça e viajantes.

Mas, o que mais ainda torna notavel esta casa comercial é que, enquanto outros estabelecimentos congêneres se instalaram e desenvolveram apoiados

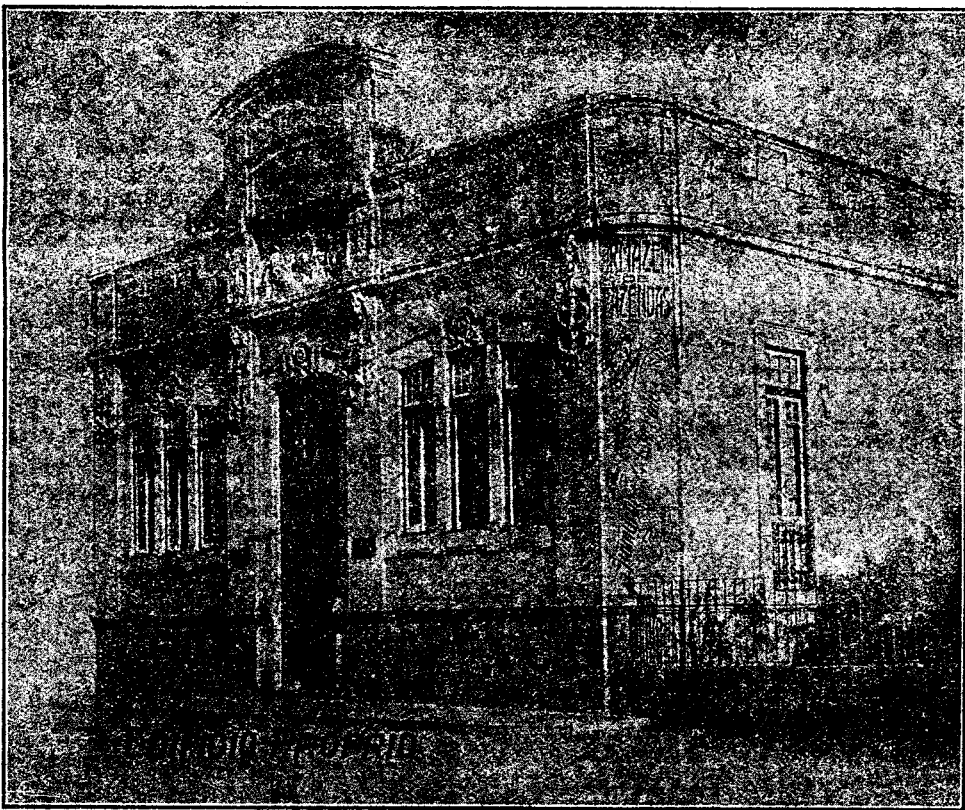
duma casa, a honra do comercio geral e o orgulho duma raça.

E nós que verificamos a obra gigantesca deste comerciante, que apreciamos, com a imparcialidade que nos autoriza, de homens alheios a negocios, que o mercantilismo desprezamos, não podemos deixar de registar toda a nossa enormissima admiração por caracteres duma tenacidade tão grande, que se valorizam por si e se elevam sómente apoiados pelos seus proprios recursos de intelligencia e vontade, como o sr. Julio de Carvalho.

E não teremos duvidas se aconselhar, se tanto fôr preciso, ao comercio nacional do genero, a preferencia pelos artigos desta firma em tudo digna do melhor acolho e simpatia; pois casas como a Guimarães & Carvalho, Sucessor e proprietarios como o sr. Julio de Carvalho, são a honra representada e personificada, em tudo e de tudo merecedores de serem distinguidos, pelo que são e pelo que valem.

Coimbra, hoje, está-se tornando uma grande cidade; é de facto já, numa superioridade incontestavel a terceira cidade do país, graças ao esforço louvavel — lição de actividade á Nação inteira — dos seus filhos, milagre perfeito do trabalho; qualidade unica que redime e emancipa pelo progresso que se lhe segue inevitavel.

E o seu comercio, no numero do qual e em primeira plana estão os Armazens de Tecidos de Lã e Algodões, Guimarães & Carvalho, Sucessor, é o principal factor dessa obra grande de resurreição, de reconstrução vital e economica, exemplo digno em tudo de ser seguido pelo país inteiro.



por uma grande honestidade e aliada ás mais altas qualidades de trabalho, tem sabido tão largamente desenvolver.

O ambito da sua acção comercial é dos mais vastos, pois fornece todos os mercados do país.

No Funchal possui já, esta importante casa, uma filial e deve brevemente inaugurar e instalar pelo país outras filiais, principalmente no Porto e em Lisboa, para assim melhor satisfazer as exigencias dos seus numerosissimos clientes.

A casa Guimarães & Carvalho, Sucessor, só negoceia por atacado, para o que tem grande

no auxilio forte da abundancia de dinheiro e levantados pela acção de alguns capitalistas (como, por exemplo, a Fabrica das Malhas, formada pelo apoio de 100 accionistas fortemente capitalizados), a casa Guimarães & Carvalho, Sucessor, progrediu unica e exclusivamente pela actividade e acção empreendedora do seu proprietario sr. Julio de Carvalho.

Homens como este, herois da luta tremenda pela vida, vencedores que se impõem pelo seu muito valor e aptidões raras de comerciantes honestos e exemplares de preserverança e organização, são o baluarte

Aliança Comercial de Miudezas, Limitada

SÉDE

SUCURSAL

Arco d'Almedina, 10

Rua Formosa, 200, 1.º

Coimbra

Porto

Malhas, atalhados, miudezas e novidades

Grandes armazens

Preços em concorrência

O melhor sortido

BANCO INDUSTRIAL PORTUGUEZ

FILIAL EM COIMBRA

LARGO MIGUEL BOMBARDA

SÉDE EM LISBOA

R. Augusta, 110 a 116--R. S. Nicolau, 54-64

CAPITAL AUTORIZADO Esc. 50.000:000\$00

CAPITAL REALIZADO » 5.000:000\$00

Telef. C. 2.301, C. 5.346, C. 5.347 — Telegr. INDUSTRIAL

Filiais no Porto, Viana do Castelo, Santarém, Faro e Ponta Delgada

Agentes e correspondentes em todos os pontos do país e estrangeiro

COMPRA E VENDA DE CAMBIAIS, notas, moedas, papéis de crédito e coupons nacionais e estrangeiros. **DESCONTOS E TRANSFERENCIAS** de letras nacionais. **TRANSFERENCIAS DE VALORES** em dinheiro e valores em títulos ou cambiais. Cartas de crédito. **ABERTURAS DE CRÉDITOS** no País e no Estrangeiro. Contas de depósito á ordem e a prazo em moeda nacional e em moeda estrangeira. **CONTAS CAUCIONADAS**.

O Banco encarrega-se de emissões do Estado, de companhias ou empresas por contracto directo ou por participação, bem como de todas as demais transacções comerciais, bancárias e financeiras, legalmente permitidas.

HOTEL AVENIDA

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA—PORTUGAL

Cuisine Française

Situation Splendide

Recommandé par la Sociedade Propaganda de Portugal

Tele(fone—18
grama—HOTELAVENIDA

MEME MAISON: COIMBRA HOTEL

Propriétaire FILIPE PAIS FIDALGO

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Banco Emissor das Colonias

AGENCIA EM COIMBRA

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Séde em Lisboa—RUA DO COMERCIO

Agencia em Lisboa—CAIS DO SODRÉ

Capital social . . . — 48.000:000\$00

Capital realizado— 24.000:000\$00

Reservas — 30.200:000\$00

Filiais no Continente—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Évora, Estremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Póvoa de Varzim, Rego, Santarém, Setúbal, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Vizeu.

Filiais nas Ilhas—Funchal, Ponta Delgada e Angra do Heroísmo.

Filiais no Estrangeiro—Paris—Rue Helder, 8; Londres—9, Bishopsgate.

Filiais nas Colonias—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tiago, Príncipe, Canárias, Kinshassa, (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quilimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Inglesa), Macau e Dilly.

Filiais no Brasil—Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

Recomendam-se as filiais deste Banco no Brasil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal. Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do Mundo. Operações bancárias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paises do Mundo.

Caixa Geral de Depositos

FILIAL EM COIMBRA

Efectua, entre outras, as seguintes operações:

Transferencias de fundos para todos os concelhos do país; Cobrança de letras, cheques, recibos, etc.; Contas correntes caucionadas; Empréstimos sobre penhores, na Casa de Crédito Popular; Hipotecas de propriedades; Desconto de Bilhete do Tesouro e de «warrants» industriais e agrícolas; Empréstimos sobre fábricas, propriedades rústicas e instalações agrícolas; Cartas de Crédito pagáveis em todas as filiais e Agencias do país.

Recebe, na CAIXA ECONOMICA PORTUGUESA, depósitos á ordem a 4% até 5:000\$00, e a 3% pelas importancias excedentes

Séde, em Lisboa (Palacio do Calhariz) e secções na Rua do Ouro, Alcantara, Belem e Xabregas

Filiais em: Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Guarda, Horta, Leiria, Portalegre, Porto, Santarém, Viana do Castelo, Vila Real e Vizeu.

Agencias em: Chaves, Elvas, Figueira da Foz, Guimarães, Lagos, Lamego, Loulé, Ovar, Póvoa de Varzim, Portimão, S. Pedro do Sul, Setúbal, Távira e Tomar, e Delegações em todos os outros concelhos do país.

Depositos { Obrigatorios 69.998 contos
Caixa Economica Portuguesa . . . 228.144 contos
Total 298.142 contos

Fundos de reserva : 7:502 contos
Empréstimos realizados : 139:000 contos

Ceramica, Limitada

Faiança. Ceramica artistica, decorativa

e de construção. Azulejos. Vitrais a fogo

Ladrilhos em mosaico

Fabricao de cal

Serração de madeiras

Telegramas: CERAMICA, Coimbra — Telefone: 606

Fabricas e escritório

ESTAÇÃO VELHA

COIMBRA

A Industria da Porcelana é a melhor do paiz

A sua fabricação será intensiva ainda neste trimestre

A visita á fabrica e a impressão que recebemos

Entre a industria que mais enriquece a região beirã, é, sem duvida alguma a Fabrica de Porcelana, de Coimbra, a melhor do genero no paiz e que, dentro em breve será a primeira da península.

Embora nos tivesse constado que a sua inauguração não fôra ainda, resolvemos visitar as suas instalações e, francamente, elas deixaram-nos uma tão agradável impressão, pela grandiosidade dos seus mecanismos e fino engenho da especialidade que não nos sentimos capazes de descrever, tanto quanto seria necessario, para dar sequer uma palida ideia do que essa Fabrica representa como grandeza e arte.

Transmitido o desejo com que ali fomos, ao gerente da Fabrica, sr. Alberto dos Santos, este acolheu o nosso pedido, com uma gentileza que nos captivando, nos tornava gratos e, pessoalmente, prestou-se, não só a mostrar-nos as menores dependencias, como a servir-nos de «cicerone», atravez aquele complicado labirinto, que representava

uma fonte de riqueza para a prosperidade industrial e commercial do paiz.

Entretanto, o sr. Alberto dos Santos, que se nos mostrava uma creatura de elevada cultura e um enciclopedico, ia-nos advertindo que a inauguração da fabrica seria em breve e que ainda no proximo trimestre iniciaria a sua fabricação.

E ajuntava que as experiencias a que já se havia procedido, os resultados tinham sido mais que satisfatorios, optimos. A porcelana fabricada nessas experiencias fôra a de meia brancura e fôra reconhecida como sendo muito superior á de «Limoges».

O sr. Alberto dos Santos, diz-nos o firme proposito que tem de fazer concorrência aos produtos das fabricas congeneres já existentes no paiz e no estrangeiro.

Perguntado duma forma positiva sobre o programa da Fabrica, o sr. Alberto dos Santos, responde-nos:

—O nosso programa include tudo quanto se possa fazer em porcelana, isto é,

principiaremos com material electrico, «appareillage», louças domesticas, seguindo-se depois o material sanitario, louças artisticas, «biscuits», etc., etc.

Informa-nos ainda o nosso gentil «cicerone», perante a admiração do que viamos amontoado, no armazem, que a Fabrica, apesar de ser já a maior e mais moderna do paiz, representa, por enquanto, um só terço da sua construção futura.

E a visita ia-se realisando, por entre as autorizadas explicações do gerente da Fabrica de Porcelanas, caminhando nós de surpresa em surpresa.

Deixados os armazens, foi-nos mostrada a secção de caixaria, montada com todos os rigores da modernisação mais completa.

Os fornos, absolutamente modernos, poderão ser considerados os melhores do genero, no paiz, e os «ateliers», poderosissimos, são a perfeição maxima do que temos visto.

Jamais tirhamos visitado fabrica que nos deixasse tão bem dispostos sob a in-

fluencia duma admiração, quasi prasenteira, pelo orgulho de sabermos do que em Portugal já se possui, produz e faz.

Se não vissemos, se os nossos olhos não nos houvessem dado a certeza do que hoje sabemos, julgariamos impossivel que num tão curta espaço de tempo — dois anos — se houvesse podido realizar uma construção tão grande, de propósitos de monumentalidade artistica e de não menor monumentalidade de empreendimento já realizado e a realizar.

Dum aperfeiçoamento que se impõe, as experiencias feitas, mostram a optima fabricação dos seus produtos que, irão, não só rivalisar com os das outras fabricas do paiz e do estrangeiro, como certamente causar uma revolução no meio produtivo e commercial da porcelana, em todo o mundo — pois em Coimbra fabrica-se toda a especie de porcelana, inclusive a electrica.

ARTIGOS
E
INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS
E
ENTREVISTAS

Chá das cinco

«Les Desenchantées»
e Pierre Loti

O ultimo numero de «La Revue Française» começa a publicar uma interessante narrativa «Le secret des Desenchantées» (L'envers d'un roman) revelado por aquela que foi Djénane.

Nessa narrativa, o *et-o* trecho e as linhas em que a propria revista o anuncia fazem-nos saber que a laboradora da mesma revista, que assina os seus artigos Chantal e os seus livros Mac Hélys, nos vai contar a maneira por que o admiravel romance de Pierre Loti «Les Desenchantées» foi vivido e de como não foi ele que enganou o publico, mas «Les Desenchantées» que o enganaram a ele.

Acusam muito os autores, sobretudo os autores que cultivam a personalidade orgulhosa, de inventarem as aventuras dos seus romances, de se atribuírem papéis em que a sua vaidade é favorecida. Loti está justificado ao que parece.

O drama oriental, que o seduziu, que o perturbou, passou-se realmente para ele *ôra da* imaginação. Djénane existiu, escreveu-lhe, encontrou-o, gemeu as suas maguas de «desencantada» visionaria, cavou pelas suas palavras, pela sua beleza, pelo seu amor a causa da mulher turca e fingiu refugiar-se na morte, procurando nesse remate tragico a nota suprema que comovesse, que inspirasse o romance delicado e celebre, que ele, na sua ingenuidade de homem superior, teve por verdade.

E vejamos o que são as mulheres!... Djénane era francesa e, aproveitando o seu profundo conhecimento da Turquia, fez-se passar por turca; Djénane calou-se durante vinte annos e deixou o romancista morrer na ilusão de que a sua Djénane tinha existido, tinha amado, tinha morrido de desespero e saudade!

E agora que Loti desapareceu, levando o sonho da sua maravilhosa *entura*, a falsa Djénane, que é escritora, cometendo uma perfidia ainda mais *ainda* mais febril, vem revelar a publico curioso que está viva, que não é turca e que até agora se calou... não sei porquê. Talvez por vergonha p *que*, a meu ver, entre o enganado e o que enganava a vergonha está sempre do lado do que enganou.

Loti diz-nos, no seu livro, que se trata duma historia inteiramente *imaginada* e neste caso a mentira, embora transparente, é delicada e piedosa, por que procura, juntamente com a substituição dos nomes que lhe foram dados (e que Marc Hélys nos revela) ser em absoluto discreto, até *rara* a memoria da sua Djénane. Isto manifesta-nos um Loti de que todos duvidariam, se o testemunho não fosse alheio.

A narrativa de Marc Hélys não é *minha*, pois, Pierre Loti, pelo contrario, julgo eu. Um homem inteligente, vivido, *viado*, celebre, que se deixa *indir*, é por que tem ainda muito coração e muita mocidade!

Mas a indiscreção de Marc Hélys, autenticada pelos autografos de Loti é que, não tendo na revelação postum. de memorias intimas, me parece como especulação literaria a pedra de toque duma alma feminina feita para justificar os homens de muitas maldades...

MARIA DE CARVALHO



Escrita á maquina

Ensino rapido, perfeito e garantido



RODIO ARCO SÂNDRA 231

Dr. Manuel Barbosa

CLINICA GERAL
RUA DO OURO, 191

TEATRO S. CARLOS

A "MAGDA"
E A INTERPRETAÇÃO
DE LUCILIA SIMÕES

A Lucilia da Magda foi superior á Lucilia da Rajada.

Foi ela que estabeleceu no meu espirito a distincção forte, enérgica, categorica, que ha entre a artista—instinto e a artista—vocação. Entre a mulher que representa e a que vive; a que interpreta e a que cria. A primeira, que é Lucilia, esmagá e apodera-se do publico, rarefaz-lhe a alma até á dôr; a segunda, quando muito ouve-se e passa como uma luz na nossa retina. O teatro, a genialidade maxima do espirito humano, amassa e sintetiza todas as scintillas da arte, desde a coreografia á eurythmia do gesto; desde a palavra que é musica, até á expressão comovida, veemente, galvanica, e desaperadora duma mascara, tela maxima, onde a dinamica dos ritos se gravam e eternizam.

Victor Hugo, escrevendo em maravilhosas, sínteses, com a grandeza dum Deus, sobre Mirabeau, lamentava que o gesto, a mascara, toda a comedia viva dum orador do povo, morresse com ele. Para o mundo, ficavam apenas dizia, meia duzia de palavras. Mas onde está o clarão que animou o seu olhar, a labareda que crepitava na sua palavra, o rugido de colera que intumescia o seu peito, a fisionomia esfarrapada de mil paixões, teclada de mil ideias candentes? Um ponto de suspensão na vida, e tudo isso desaparecia.

De Lucilia, retirada amanhã do teatro, ou morta, ficarão apenas acêses em milhares de pupilas, umas tantas atitudes, uns tantos ritmos.

O resto que é tudo, grandeza e claridade, e assombro, a grande comedia viva duma artista que serve para todos os palcos do mundo, que é tão grande que não lhe basta o seu pais, porque o seu estilhão de genio, se prolonga por toda a terra—será cinza.

A Magda esse sombrio drama do teatro setentrional, que ergue uma figura de mulher revoltada e fria e põe em teatro um admiravel problema de educação, com um recorte preciso, em que as linhas avultam de personagens secundarios, é uma peça simbolica, que só um simbolo pode numa resurreição interpretar. Ainda que para o grosso do publico, os dois ultimos actos, pelo esforço verbal da figura, sejam os mais fortes, e os mais compreensíveis, na revelação do trabalho da artista e para mim, no entanto, é no segundo que Lucilia subindo as escaleiras do genio instinto, porque o tem, atinge as cumieiras maravilhosas de uma das mais belas interpretações que eu tenho visto.

A sua attitudo varia infinitamente. É feita de tudo, tem tudo, é para tudo. Participa do ritmo musical; funde-se na coreografia; lança-se, perturbante e veemente, na curva delirante e vertiginosa da estatua esvelta dum Bernini. Tem mil almas, esta Lucilia; a sua palavra é a função do seu gesto; a sua attitudo é a função dos dois. Ha nela, fuga sinfonica. E se repararmos nos seus braços, que têm linhas de Scherzade, e são já um crucifixo, já uma onda, vibrante e tentaculares, que não têm angulos, porque a ossatura desapa-

receu, o é já vaga que ciuge, abraça, beija; e se repararmos na sua mascara, vibrante como uma antena telegrafica, que recebe a palavra o a dá ao publico, que a espera e deixa cair no coração, que fala, alargando as pupilas; que caminha, esgarçando a attitudo, num passo que é dança; e se dissermos que Lucilia, neste primeiro acto, desenha, contorna continuamente a figura, dobra-a, curva a, ondeia-a, —temos que reconhecer que ela, sendo a maior Magda, grandiosa e revoltada, é também, e superiormente, a artista maxima da attitudo.

No terceiro acto, Lucilia, dando grandesa ás silabas, e ás frases é vulcanica, é eruptiva de colera, de odio. É como um abismo que falasse, que expellisse lama, onde vem presa a dôr. Ao comparar a sua vida a uma harpa eolia abandonada a um canto, que uma vez resuscitada do esquecimento, vibra na onda magnetica e despedaçadora da existencia é de joelhos que ela fala, toda envolvida em gestos, numa attitudo reza á ao Universo, como se a palavra a fosse encamiñando no rastro das estrelas, com a sua mascara poderosa, ardente, reflectida de chama, como as esfinges sobre o reverbero faulhante das areias do deserto. . . Ela tem sede, e a pouco e pouco a palavra, o gesto, a attitudo, o sofrimento, a dôr, a revolta, a maternidade, a mulher consubstanciando a dôr do mundo, e ainda a desolação, a virtude calcada, a sombra amarga dos dias tristes, tudo que implora, chora, ajoelha, ganha oitavas de desconhecida emoção, de desgredhada e valkyriana sintonia. É a Magda, Rei Lear; é a Magda shakespeariana; é a Magda Lucilia. É a floresta bravia, crepuscular e imensa, na aurora dos mundos, ressoando ao acento da vida e da intelligencia, na deliciosa e imprecisa vibração das coisas que germinam.

No ultimo acto, Lucilia, é apenas um corpo. Nesse corpo, uma voz: Nessa voz, uma alma. Nessa alma, um Deus.

Vamos á interpretação da companhia. Erico Braga, como Augusto Rosa, disse-o a critica, não conseguiu vencer a rudeza e a grandiosidade do papel. Teve altos, e teve baixos. Foi homem, quando devia ser um simbolo. No entanto, ha coisas a notar neste moço artista, pondo de lado o vozeirão melodramatico, a mascara caricatural em mau papelão e a morte—como sejam a composição da figura, a vibração convulsiva da mão e a experiencia das pistolas, que denotam estudo, eancia de vencer.

Georgina Cordeiro, figurinha do mais belo acento romantico, amorosamente ingenua, e ingenuamente timida, reflectiu esplendidamente, na dicção, na mobilidade da face, na inconstancia do gesto, a graciosa e fragil figura de Sudermann. É uma artista com trajetória segura. Mario Santos, deu um calmo e sereno pastor.

Maria Lagoa foi uma deliciosa creadita, contribuindo com a sua graça e com a sua figura gentil para o conjunto.

Pelos teatros

Maria Matos

Está organizada a Companhia Maria Matos-Mencença de Carvalho, que fica constituída por magníficos elementos. O elenco é formado pelos artistas: Maria Matos, Irene Gome, Georgina Cordeiro, Pez Rodriguez, Regina Montenegro, Bertha de Albuquerque, Aíça Amado, Silvestre Alegria, Antonio Gomes, Mencença de Carvalho, Abilio Alves, Fátima Coutinho, Augusto Torres, Joaquim Silva, Leopoldo Santos, Pereira Arraia, Jorge Ferreira, ponis, J. Baldaque, contra-regra.

Esta Companhia está em contracto com os actores Manuel dos Santos Oliveira e Duarte Silva, dois grandes elementos curicaturais, para a interpretação da peça de estreia, em agosto, no Azeite, «As pupilas do sr. Reitor», desempenhando estes artistas os papeis que fizeram no «fim» do mesmo titulo e que brevemente será exibido. A peça será posta com todo o rigor de scenarios e guarda-roupa, para o que estão já trabalhando o conceituado scenografo Luiz Salvador e o acreditado «costumier» nartuense Jaime Valverde.

Adelina Abranches

Adelina Abranches é, desde ha muito, o idolo das plateias, tanto das plateias cultas como das populares. Grande no drama como na comedia, subime sempre em todos os papeis, detentora do «record» dos triumphos e das criações, tem sempre um publico enorme a seguir-lhe a carreira, a extasiar-se perante a sua arte e o seu juguante talento. Não pode, pois, passar despercebida para Lisboa, como um acontecimento, a noite de amanhã em que, no Avenida, se realiza a sua festa de honra com a primeira representação da peça, em 3 actos, de André Kéroux e Ivo de Miranda, tração de Paulo Guimarães, pseudonimo que encobre o nome de uma notavel artista. O «Diário de Lisboa» saúda Adelina Abranches.

Atrás do reposteiro

Vai uma actividade surpreendente no teatro da Trindade, que deve estar pronto a funcionar em principios de outubro. Ficará o mais elegante e o mais artistico teatro da península, rivalizando com os primeiros teatros do estrangeiro.

Foram contractados para a companhia que parte brevemente em «tournee» pela provincia sob a direcção da actriz Celeste Leitão, os actores Adelino Nazareth e José Gambos.

A actriz Palmira Bastos vem dar sete espectaculos no teatro Avenida com as melhores peças do seu repertorio, antes da sua partida para o Brasil a 14 de julho. A peça de estreia é a «Chama», o mais emocionante trabalho de Charles Méré, em que Palmira Bastos desempenha um papel magnifico, que é de molde a fazer brilhar todas as facetas do seu grande talento.

A companhia, que conta elementos de grande valor como Carlos Santos, Emilia d'Oliveira, Samuel Diniz e Henrique de Albuquerque, deve fazer uma temporada brilhantissima no Avenida.

Na peça «Mar Alto» original de Antonio Ferro, que em S. Carlos, substituirá a peça «Magda» que está obtendo grande exito, tomam parte apenas quatro pessoas, sendo uma, uma criança.

É amanhã que se inaugura a temporada de verão, do teatro Nacional, com a «première» duma peça do genero alegre intitulada «A Viuva Gomes».

É sabado que no Eden, em duas sessões, se realiza a primeira representação da revista «Caldo Verde», estando a cargo de Alfredo Ruas as personagens de «Versador», «Carbitero», e «O Palavras», em que apresenta três belos tipos.

Foram entregues ao distincto artista Leitão de Barros as decorações do «foyer», do teatro da Trindade.

O Teatro Maria Vitoria inaugura-se, depois das importantes obras que sofreu, no dia 27 do corrente, com uma companhia do empresario Antonio de Macedo.

Os escritores teatraes Lino Ferreira e João Bastos, com suas familias, passam este verão em Cintra, onde tem casa.

CARTAZ

S. Carlos — Às 21,15 — «A Magda».
Nacional — Não ha espectáculo.
S. Luis — Às 21 — Variedades.
Politeama — Às 21 — «A dama das Camélias».
Avenida — Às 21 — «A Mãe».
Apolo — Às 21 — «O meu homem».
Eden-Theatro — Não ha espectáculo.
Coliseu dos Recreios — Não ha espectáculo.
Gil Vicente — Aos domingos, segundas e quintas — Às 21, a opereta «Flory».

It. matogafos e variedades

Salão Foz (Calçada da Gloria).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Chiado Terrasse (Rua Antonio Maria Cardoso).
Olimpia (Rua dos Condes).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Teatro dos Anjos — Companhia de variedades.
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

LANIFICIOS
VIRGILIO ARRAIANO
COVILHAVendas directamente ao consumidor de
fazendas para fatos de homem ou senhora

PEDIR AMOSTRAS

ARTIGOS
E
INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS
E
ENTREVISTAS

LOUCURA INOFENSIVA

MULHER
QUE DIZ VER

PESSOAS

A MUITOS MILHARES DE MILHAS
DE DISTANCIA...

No corredor do Governo Civil á entrada dos calabouços permanecem três pessoas: uma rapariga de vinte anos incompletos que tentou suicidar-se no calabouço, um doido de faces palidas e magras, olhos grandes parados, e uma mulher de bom aspecto, a neve a cobrir-lhe a cabeça, que ri, que ri sempre, com uma bonhomia que surpreende...

Está ali há três dias. Já dormiu duas noites sobre uma enxerça, ouvindo pragas de ladrões e cantares dolentes de prostitutas. E, no entanto, está contente com a sua sorte, desmentindo o rifão. E não se queixa:

—Estou bem! Não preciso nada...

Quando lhe dissémos que eramos dos jornais, saiu-se com esta:

—Então no jornal não ha um aumentosinho para o sr. ganhar mais...

E' claro que a pobre mulher nos entrou logo no coração. Preguntámos-lhe o nome, a idade, a terra. A tudo respondeu claramente, sempre com o mesmo sorriso, a mesma quieta bonhomia. Dissemos-lhe que abandonára o bispado da Guarda, onde tem a sua casa, para ir para a America, para Providence. Ali, sendo boa costureira, trabalhou em casas particulares.

Tem a mania da perseguição:

—Quiz entrar para uma fabrica. Os americanos não se importavam. Mas os portugueses é que não queriam.

Quando, por ocasião duma greve, meteram pessoal, conseguí entrar. E, dentro de pouco tempo deram-me um lugar de contramestra. Depois, fui a chefe. Até aqui parece que é verdade o que ela conta. Daqui por diante, é que parece que entra muito de fantasia:

—A certa altura, deram-me a entender que eu precisava de casar. Arranjei um rapaz lindo... Pedi ao dr. Wilson para ser meu padrinho. O dr. Wilson—o heroi da Paz...

—O heroi da Paz?

—Sim. Foi ele que acabou com a guerra. Ele e Sidonio Pais... Por isso é que todos lhes chamam os heróis da Paz...

—Quando é que veio da America?

—Vim no «Massilia». Cheguei cá há três dias. Tinha-me mandado para uma casa de saúde. Diziam que eu estava doida, mas provou-se que era mentira...

—Veio acompanhada?

—Vim. Pelo dr. Wilson, pela esposa e pelo sr. Miguel Arcanjo...

—Onde é que eles estão?

—Na America.

—Então como é isso arranjado?

—Eles estão na America mas vieram comigo...

E ante o nosso espanto:

—E' que eu falo com eles todos os dias e vejo-os perfeitamente...

—Como?

—Pela agua... Inda ontem me disseram que tem lá o meu bahu...

"TERTIUS-GAUDET"?

Um novo

CANDIDATO

á presidencia da Republica

Manuel Monteiro

Hora do Chiado. Sol. A parte dos Martires ha um altar de cravos vermelhos e brancos, como escadaria majestosa, novelesca de Trinitá dei Monte. Ao pé das flores está o alfarrabista, e ao pé do alfarrabista, a manusear um velho tratado de economia, que ninguém leu—o deputado sr. Pina de Moraes.

—Então de politica?

A pergunta fê-la o deputado. O jornalista não sabe outra cousa de politica, senão isto:

—De politica, diz-se que o o actual governo vai ser decretado vitalicio...

Volta o deputado:

—O Silva, ao menos, tem aturado todas as maçadas do poder, e diga-se o que se disser, tem ajudado a manter uma certa ordem nisto tudo.

—Acha então?

—Não acho nada. O Silva governa como sabe e pode, e para encarar as situações, peor ou melhor não espera que lhe preparem o caminho...

Isto é pouco mais ou menos. Passou uma mulher do povo, com uma linha altiva e desempenada, tirada de um figurino grego, e um belo sorriso cristão na sua face morena. Houve um desvio. Vieram os quadros das romarias do Norte, com a alegria das mulheres e a policromia dos trajes garbados, que uma lenta tristeza de cores começa a vencer, como um pessimismo.

Mas voltamos. E á presidencia da Republica.

—Vai ver que vai o dr. Bernardino Machado...

Resposta:

—E' possível. Estou a ver que é possível... Ha muito pouco por onde escolher.

—Mas o dr. Teixeira Gomes...

—Começa a estar posto de parte. E' uma pessoa distinta afastada da vida portuguesa. Um pouco descrente—como dizia Leote do Rego.

Ali, junto ás flores e as hervas fez-se o elogio do almirante, que minutos depois ia a enterrar.

Agora o sr. Pina de Moraes, que é um politico sincero, e um vibrante espirito de português leal, cavaleiro e poeta, diz-nos, um pouco com o receio da surpresa.

—Eu tenho uma candidatura aceitavel á presidencia.

—Qual é?

—Um nome pouco lembrado. Uma figura republicana e de prestigio pessoal.

—Um tertius gaudet?

—Poderia ser. O nome do sr. dr. Antonio Luis Gomes, aliás respeitavel, não reúne simpatias e requisitos suficientes.

—Quem é o seu candidato?

—O dr. Manuel Monteiro.

—O que foi presidente da Camara.

—Certamente. Que é juiz num Conselho Internacional no Tribunal do Egipto.

Pessoa de saber, prudente, correcto, fino, com uma lucida inteligencia, capaz de absorver de rapido o estado actual da nossa politica. Não deve estar desnacionalizado, como tantos nomes lá de fora e que se aventam...

—Mas a lembrança é apenas sua?

—Sim, e não. Na Camara só uma ou outra vez ouvi falar do seu nome. Mas fora do Parlamento outras pessoas se têm lembrado. No Porto, principalmente.

—E estava ele disposto a aceitar?

—Já se perguntou aos outros candidatos se estavam dispostos a aceitar? Bem vê.

Se houvesse uma forte corrente...

—E haverá?

—Não creio. A menos que outras vontades se ligassem á minha, que é isolada e não pretende fazer carreira. O que lhe digo é que se o seu nome fosse apresentado, esse seria o meu candidato. O dr. Bernardino Machado tem no pais muitos admiradores, mas nem toda a nação gosta dele. Não se pode abstrair de certas realidades. «Tem uma especie de calistagem. Dá revolução.»—diz-se. Em todo o caso, para a actual situação, o antigo Presidente tem grandes probabilidades.

E aqui ficou a conversa com o illustre literato, militar brioso, politico serio e um dos espiritos mais nobres da geração moça e vivaz do nosso tempo.

O Ministro de Cuba

entregou hoje as suas credenciais

O sr. ministro de Cuba entregou hoje, no Palácio de Belem as suas credenciais.

O Chefe do Estado, achava-se acompanhado pelos ministros dos Estrangeiros, da Marinha e das Colonias.

O sr. Barreto da Cruz introduziu o sr. ministro de Cuba, a quem foram prestadas as honras do estilo.

O governador do Congo Belga
está de visita em Loanda

Segundo comunicação recebida no ministério das Colonias, chegou a Loanda no dia 20 do corrente, o governador geral do Congo Belga, sendo recebido com todas as honras inerentes ao seu alto cargo. Em Loanda promoveram-se varios festejos em homenagem áquella autoridade.

O caso da Rua do Jardim do Tabaco

Como implicados no caso passado ha tempos no Jardim do Tabaco, quando o burlão Antonio Santos queria ludibriar o 2.º tenente Santos Teixeira, foram presos João Portollez e Armando Fernando Soares.

O 2.º tenente Santos Teixeira esteve hoje no governo civil a prestar declarações.

Juntas de Freguezia

Reunem hoje (quinta-feira) pelas 21 horas, na Camara Municipal, as Juntas de Freguezia de Lisboa, a fim de concluir a discussão sobre o programa minimo de assistencia.

Irene de Vasconcelos

Chegou já a Lisboa, no «Sud-Express», a sr.ª D. Irene de Vasconcelos, redactora em Paris do *Diário de Lisboa* e alumna distinta na Sorbonne da Escola de Sciencias Politicas. Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos.

INTERESSES REGIONAIS

A ILHA
DA MADEIRA

NECESSITA

UMA FORTE DESCENTRALISAÇÃO
ADMINISTRATIVA

O capitão sr. Frazão Sardinha, antigo governador civil do Funchal e hoje á frente de importantes obras de turismo na sua terra, vai falar-nos da ilha da Madeira, referindo-se—segundo a sua expressão—ao conceito errado que os governos fazem das ilhas adjacentes, governando-as do Terreiro do P., como se elas lhes estivessem á vista.

E referindo-se, propriamente, á ilha da Madeira, o capitão sr. Frazão Sardinha afirma:

—Pela sua posição geográfica, pela amenidade do seu clima, riqueza do solo, panorama e indole dos seus habitantes, é não só um valor importante sob o ponto de vista estrategoico mas também um centro de relações comerciais e de turismo de grande valor. Freqüentada pelos melhores vapores do mundo em carreiras ordinarias, e visitada pelos menores e maiores vapores de recreio, a Madeira está em contacto directo com o velho e novo mundo, sofrendo as influencias dos paizes de civilização mais avançada.

—Mas é só por essas razões que a Madeira tem o seu logar marcado?

—Não, senhor. A actividade dos seus habitantes, que se exerce na produção dos seus vinhos, na manufactura dos seus bordados, obras de vime, nas industrias de laticínios e outras, concorre diariamente para a tornar conhecida. Mas ha mais: Uma das suas riquezas é a que resulta da sua emigração, embora isto pareça um paradoxo.

—E' que o madeirense, quando emigra, não abandona nunca a sua terra. So apenas para arranjar peculio, que envia a miudo sempre com o proposito de vir acabar os seus dias na terra que lhe foi berço.

—Qual a acção dos corpos administrativos?

—Não passa duma ficção, a sua liberdade. E alem disso não tem dinheiro suficiente para acudir ás necessidades mais urgentes. As estradas encontram-se num estado lamentavel; falta uma boa canalisação de esgotos; não tem agua, e os serviços da policia são uma vergonha—além doutros prejuizos importantes.

—Mas o rendimento da Alfandega do Funchal deve ser importante?

—Sim, é parte em ouro e parte em escudos. A parte em ouro excede 30 vezes a receita escudos, mas todo o ouro da Alfandega vem para o Continente, não ficando na Madeira uma libra.

—Impõe-se, pois, uma forte descentralisação administrativa, não é verdade?

—Absolutamente. E para a Madeira, tal como a sua vida economica está correndo, só o regimen ouro a poderá salvar, o que em nada prejudicaria os interesses do Estado, muito pelo contrario...

DR. ARBUES MOREIRA

CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS AS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

POLITEAMA HOJE

A Dama das Camélias

ANTONIO DIAS THEMIDO, FILHO

Casa Fundada em 1872

Rua Ferreira Borges, 117
COIMBRA

Fabrica de Licores ESTRELA D'OURO

Armazem de Miudezas, Malhas e Atoalhados

Mercearias, Cereais, Legumes

e Productos de Moagem

Agencia do Banco Fomento Nacional

Delegação da Companhia de Seguros Mondego e Algarve

Telegramas EGO

Telefone: 120

Sociedade de Mercearias e Fabril, Limitada

Capital realis. 3.500 contos

Séde em Coimbra

AVENIDA DOS OLEIROS

Telegramas: LABOR-Coimbra

Telefones: Gerencia, 573 — Armazens, 496 — Fabricas, 5

Usa-se o «Codigo Ribeiro»

Filial em Lisboa

Rua de S. Julião, 49-51

Telegramas: SOCIMER-Lisboa

Telefones: da Companhia n.º C. 2354, do Estado n.º 227

FABRICAS EM COIMBRA DE:

Moagem, Massas Alimenticias, Bolachas e Biscoitos - Refinação de Assucar

Filial no Porto

R. Infante D. Henrique, 44-50

Telegramas: SOCIMER-Porto

Telefones: da Companhia n.º 2146, do Estado n.º 75

ARMAZENS DE:

Mercearias, Cereais, Legumes e Azeites — Sabões e Preparata

«GARANTIA»

COMPANHIA DE SEGUROS FUNDADA EM 1853

Capital realiado Esc. 1.000:000\$00

Fundo de reserva Esc. 1.598:667\$09

Sinistros pagos até 31

de Dezembro de 1922

Esc. 10.293:606\$31

AGENTES EM COIMBRA:

JOSÉ HENRIQUES TOTTA, L.^{DA}

BANQUEIROS

Armazem de Fa- zendas por Atacado

GUIMARÃES & CARVALHO

SUCCESSOR

RUA DA MADALENA, 7

COIMBRA

Telefone N.º 366

Telegramas: ALGODÕES

Filial na Ilha da Madeira

Rua 31 de Janeiro, n.º 1

FUNCHAL

O RESSURGIMENTO ECONOMICO NACIONAL

Regista-se por todo o paiz um activo incremento no campo industrial

As iniciativas particulares e a colaboração bancaria na obra grandiosa de fomento nacional

Uma coisa é evidente e de facto animadora: No país trabalha-se, n'ele se está registando um incremento consolador no campo industrial e comercial.

Podem os pessimistas dizer o que lhes aprouver, aventar como quizerem, que uma coisa eles não poderão destruir, a actividade febril de desenvolvimento que atravessa o país dum extremo ao outro.

Mais duma vez, quasi dia a dia, temos exposto ao publico que nos lê, a ansia desejosa do Progresso que hoje avassala o país inteiro; esperança quasi certa da regeneração economica nacional, realisada pelo trabalho e pelo empreendimento que dignifica.

E na realização dessa Obra grandiosa, prometedora dum futuro melhor e mais prospero para a nacionalidade, aos Bancos cabe uma parte honrosa—pois se o comercio e a industria se lançaram no caminho notavel da vontade maior de progredir, esse progresso é ajudado animadora e corajosamente pelo apoio forte das casas bancarias.

E se a todas cabe uma parte mais ou menos registavel, nesse apoio não podemos deixar de destacar a obra por todos os motivos patriótica com que o Banco Industrial Português vem contribuindo numa tenacidade e intelligencia dignas do maior aplauso, para o ressurgimento economico do país.

Sómente dois anos de existencia conta este Banco e, no entanto, já produziu uma obra digna de citar-se, no que não devemos regatear-lhe elogios pelo alto exemplo de interesse que lhe merece o ressurgimento vital do país.

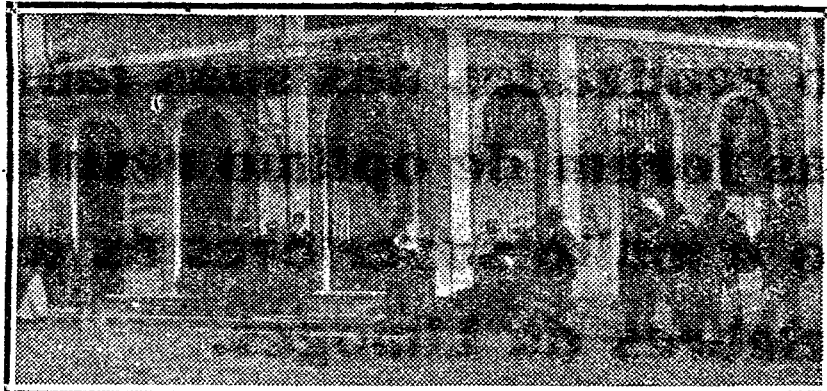
Havia já dez anos que a Coimbra não voltamos. E, num saudosismo grande em que pelo écran da nossa recordação, se sucediam as passagens mais gratas da nossa vida academica, no comboio, iam-nos aproximando da linda cidade do Mondego, longe de suspeitar a grande transforma-

ção porque passara e que tanto nos iria surpreender.

E não foi sem admiração que nos certificamos que a Coimbra que conhecemos essencialmente simples e por excellencia academica, era hoje um importante centro comercial e industrial, vivendo uma fase activa de engrandecimento numa vontade maior de progredir, progredir muito.

E quizemos saber, acompanhar passo a passo a marcha triumphal do ressurgimento, da emancipação economica dessa cidade tão linda, que hoje sente ansias formidaveis de vida, ambições maiores de um futuro proximamente prospero.

Era aos filhos daquela terra, ao empreendimento local, que se devia o incremento rapido



do seu campo comercial e industrial. A actividade de uns, aliada ao capital de outros, mas todos animados dum pensamento unico—ressurgimento vital. independencia economica—completaram a obra que está prestes a consolidar-se, a ser coroada do exito mais retumbante e mais justo.

E lá, como em todo o país, o apoio dado pelos Bancos, voluntario, louvavel e forte, contribuiu imenso e está contribuindo muito, para a coroação final dessa obra.

Assim, são colaboradores mais fortes dessa empresa dignificadora, o Banco de Portugal, o Banco Nacional Ultramarino, a casa Pinto & Sotto Mayor, a casa José Henriques Tota e o Banco Industrial Português, que ali têm instaladas as suas respectivas filiais.

E uma vez mais julgamos de nosso dever referir-nos ao

Banco Industrial Português, que, sendo uma casa de recente inauguração, se não poupou a esforços e despesas. (Conhecedor da vontade de prosperidade que existia em Coimbra) fundando ali uma filial e animando, encorajando a obra de ressurgimento da cidade pela abertura de creditos que facilitou.

Já em Viana do Castelo, foi este Banco quem lançou as bases da «Estrela de Portugal», empresa de pesca de bacalhau que já hoje funciona; que inspirou e facilitou a fundação da Empresa Vinicola Alto Minho, Limitada, constituída pelo capital realisado de 500 contos. e a grande fabrica de moveis de Freamunde devem, pode dizer-se, a sua actual prosperi-

dade aos capitais do Banco Industrial.

Em Santarem é ainda, graças á interferencia deste Banco, que a fabrica do Alfange deslumbrou os congressistas ribatejanos pela inundação de luz pela cidade, fabrica que se propõe iluminar e fornecer a energia electrica necessaria para a industria scalabitana e que hoje representa já uma das mais preciosas fontes de receita de Santarem.

Em Lisboa, ao Arco do Cego, uma fabrica de Ceramica, a Luzitana, uma das primeiras do país no fabrico de telha e tijolo e que ainda ha pouco inaugurou a sua secção de ladrilhos e mosaicos hydraulicos, é um resultado feliz e notavel da intelligente pertinacia do Banco Industrial, que se não cansa, na sua patriótica missão, de concorrer o melhor e mais que pode na obra pa-

triotica da ressurreição economica nacional.

E em Coimbra, é já digna de menção especial a obra ali efectivada por aquele Banco. Participa da Empresa de Construções, que dispõe dos meios indispensaveis para satisfazer os fins sociais e economicos para que foi creada e cooperou no lançamento da Empresa Mecanica de Palitos, que, em tudo promete vir a ser, em breve, uma das mais importantes industrias do seu genero.

E assim, esta Empresa, recorrendo a maquinas modernas, propõe-se levantar aquela industria que estava em decadencia, mercê do fabrico estrangeiro, lançando nos mercados externos productos, embora inferiores, muito mais baratos. E não vá julgar-se que, por se tratar de palitos, esta industria não é digna de interesse e de atenção; pois, em materia economica são os numeros os argumentos maximos convincentes. E hoje, anualmente, devemos produzir e exportar, de palitos, mais de 90:000 contos.

Como se vê, a cooperação do Banco Industrial Português é de facto qualquer coisa de importancia no desenvolvimento e no fomento nacional.

E em Coimbra, essa cooperação é respeitavel, ela representa qualquer coisa para o incremento industrial da cidade—se bem que, aquele Banco, embora não fugindo aos fins para que foi creado, esteja sempre disposto a colaborar e a animar todas as iniciativas, não importa de que caracter, desde que representem interesse, garantia, solidez.

E' pois verificavel, apesar de tudo o que de mau se diz e faz constar, por todos quantos para a sociedade são inuteis pela ausencia de qualidades que os recomendem, a verdade é que no país se está registando uma febre de actividade, prometedora dum futuro proximo de prosperidade, pelo ressurgimento economico nacional.

PORCELANA

DE

COIMBRA

A maior Fabrica da Peninsula

**Cujas experiencias ha pou-
co realizadas nas suas fabri-
cas foram de optimo resulta-
do e muito superiores ás das
celebres de Limoges.**

ARREGAÇA-COIMBRA

COIMBRA EMANCIPA-SE ECONOMICAMENTE

O porto da Figueira da Foz e uma linha que, ligando as Beiras, sirva melhor o centro do país

Ouvindo o sr. Mario Themido, presidente da Associação Comercial de Coimbra

Ao esforço empreendedor, duma tenacidade surpreendente, dispendido pela Associação Comercial de Coimbra, deve a cidade a maior parte do seu desenvolvimento actual, o impulso forte com que foi lançada na estrada que conduz ao progresso.

A sua Associação Comercial — é do domínio publico — deve a cidade o máximo de propaganda e a energia maior que hoje vigora na alma cidadina, em convulsões ansiosas de prosperidade, num futuro risonho e proximo, que se nos afigura seguro.

E' seu presidente, o activo e importante comerciante sr. Mario Themido, coimbrão da mais pura lei, que a sua terra tem dedicado o melhor do seu esforço, da sua intelligencia e do seu carinho, alma do ressurgimento local, infiltrador maximo da dose de energia vigorosa com que a cidade lançou mãos a obra grandiosissima, que a enobrece e que, dentro em pouco, a tornarão em tudo e por tudo digna da terceira cidade do paiz... ou mesmo mais.

A opinião do presidente da Associação Comercial, por forte a algum, era dispensavel, sendo até, pelo que acima deixamos dito, uma das mais autorisadas. Entrevistamo-lo, equivaleria a registar o sentir, a vontade, as aspirações, o espirito da cidade.

E lá nos encaminhámos até ao escritorio do activo comerciante, que, sentado á secretaria do seu escritorio, nos recebeu com uma fidalga gentileza, propria dos filhos de Coimbra, dos homens d. Beira.

Trocados os cumprimentos do estilo o sr. Mario Themido, depois de expor o fim a que obedeceramos, procurando-o declarámo-nos:

—Coimbra tem actualmente dois importantes problemas a resolver.

—E que são?... —

—... Em primeiro lugar o da viação acelerada e pelo qual a cidade seria directamente ligada á Covilhã, por uma linha ferrea que ao mesmo tempo unificaria mais ainda as Beiras, entre si, numa maior expansão do comercio e industria regionalista.

«Esse projecto está em harmonia absoluta com a tese da Associação Comercial, já apresentada no ultimo Congresso economico e que pelo illustre parlamentar, sr. dr. Torres Garcia, foi brilhantemente defendida.

—E o segundo?... —

—E' o do porto da barra da Figueira da Foz.

E como nós olhassemos o nosso entrevistado, certamente numa expressão desejosa de maiores detalhes, o presidente da Associação Comercial, que compreendeu a nossa muda exigencia, sorriu complacientemente e continuou:

—A barra da Figueira, carece, precisa de sofrer uma modificação radical, em harmonia com as exigencias das Beiras, de todo o centro do paiz. Do seu desenvolvimento, dependerá um outro maior ainda no comercio e industria das provincias centrais, do seu arranjo por forma a nela entrarem navios de toda a tonelagem, — e em condições especiais para isso — resultará um beneficio enorme para a prosperidade, não só da região, mas do paiz inteiro.

«Construida a linha de caminho de ferro, Coimbra-Covilhã e engrandecida a barra da Figueira, será a emancipação da Beira, a riqueza regionalista e do paiz.

—E agora que duma maneira geral falamos dos interesses regionais, quais propriamente aqueles de que a cidade mais carece para corresponder ao seu desenvolvimento? — perguntámos.

—Levantamento da cidade baixa, abertura de novas arterias e Avenidas, descongestionar, alargar o centro da cidade, para mais facil accão do labor comercial, que cresce num desejo tremendo de progresso.

«Mas nesta, como naquelas, a Associação Comercial tem colaborado afinadamente na realização de todas as aspirações referentes á região beirã e nas que propriamente dizem respeito á cidade.

«E tanto nos preocupam os assuntos que constituem melhoramentos locais, que a Associação Comercial vai entregar brevemente uma representação ao sr. ministro do Comercio, a fim de que seja dada execução ao projecto do ramal da estrada nacional n.º 12, já estudado — e que, partindo da estação de caminho de ferro, atravessa a cidade, numa longa Avenida, até Santo Antonio dos Olivais

Igualmente a Associação Comercial se está empreendendo por aquela que, saindo da estrada Nacional n.º 63, sobe até ao Mosteiro de Santa Clara.

«E' também objecto da Associação Comercial as obras de saneamento da cidade, pelo alongamento do respectivo collector, o que representa um grande beneficio em favor da hygiene local.

Preguntado se os serviços dos correios e telegrafos, correspondiam ás exigencias actuais da cidade, o sr. Mario Themido, meneou tristemente a cabeça e depois, disse:

—Os serviços dos Correios e Telegrafos estão longe de satisfazer as necessidades da cidade engrandecida. E em meu entender, esses serviços deveriam ser divididos por secções: uma para correio, outra para telegrafo e ainda outra exclusiva e especialmente para encomendas postais, tendo adjunta uma delegação aduaneira — para citar demoras, por vezes seis e oito meses, a que as Alfândegas do Porto e Lisboa, sujeitam o comercio de Coimbra e do centro do paiz, causando-lhe graves prejuizos e transtornos.

—Coimbra, dessa maneira — aventuramos — quasi não sente a falta da Academia pelo desdobramento?

—E' facto Coimbra hoje, vive de si propria, das suas forças vitais. No entanto a Universidade é o orgulho da cidade e por esta muito amada. Ela é a mais antiga de todas as Universidades do paiz e a mais conhecida no estrangeiro. Ela é — repito — não só o orgulho da cidade, mas de todo o paiz.

«E a Associação Comercial, interpretando o sentir geral da cidade vai fazer uma representação junto do governo, para que se interesse pelo mais antigo e mais prestigioso estabelecimento de ensino português, cuidando-o como merece, pagando condignamente aos seus professores, etc., etc.

Ainda uma outra representação — acrescenta o nosso entrevistado — a Associação Comercial se propõe fazer junto do ministerio e essa, — prende-se em chamar a atenção do governo sobre o hospital, que, em nada é inferior ao do S. José, em Lisboa — se este é superior aqelle — o numero de doentes, este não é no entanto inferior na qualidade tecnica e material, pois cá como lá se fazem operações geniais que imortalizam professores e os cognominam de mestres da cirurgia e elevam medicos na arte difficil de diagnosticar e curar.

E como nós, entusiasmados por tudo quanto ouvimos, não pudessemos deixar de exteriorisar toda a nossa admiração pela obra grandiosa que Coimbra estava realizando e que constitue uma lição enorme de organização e trabalho, o sr. Mario Themido, antes de nos despedirmos, acrescenta ainda:

—Coimbra hoje, possui, industrias que a honram, fabricas de lanificios — a melhor do paiz e que rivaliza com o mais perfeito tecido estrangeiro — de ceramica, Empreza Automobilista (fabricação de automoveis) a unica do paiz e que em breve lançará os seus carros no mercado, «Minero-Comercial» — fabrica de estanho, rivalizando com o inglês — e Fabricas de Malhas (das quais duas mais em construção), de Cerveja, de Porcelana artistica, de Ceramica artistica, etc., etc.

Embelesada a cidade, construido um grande hotel de turismo e devidamente organizados os serviços da policia de investigação — diz-nos quando já nos preparavamos para sair — Coimbra encontra-se-ha, enfim, á altura dos seus meritos e direitos como cidade que quer e ha de prosperar, engrandecendo-se.

E enquanto nos encaminhávamos para o hotel, racionávamos, em tudo quanto nos fôra dito, num alvoroço admirativo, pela lição empreendedora que esta cidade está dando á inercia de quasi todo o resto do paiz.

N. R. — Ao sr. ministro da Agricultura recomendamos, que, sendo Coimbra uma cidade possuidora duma Escola Agrícola, magnifica e em tudo merecedora dum Instituto Superior Technico de Agronomia — e por sabermos ser essa também uma das preterções da Associação Comercial daquelle cidade — se não faça esperar a realização dessa aspiração justissima da cidade.

O PROGRESSO DUMA CIDADE

A acção

cooperadora

das casas bancarias

no desenvolvimento comercial e industrial de Coimbra

Na rua Ferreira Borges, centro comercial de Coimbra, as casas alongam-se inesteticas, sujas, numa apparencia de antiguidade, mais ainda az sobre-saltienta a beleza arquitectonica dum radio modernissimo, respirando solidez e que, situado á esquina do Arco da Aduana, atrae sobre si a attenção de todos quantos visitam a cidade.

Aproximámo-nos para melhor fixarmos era a sucursal dum Banco, da Casa Pinto & Sotto Mayor.

Que essa casa bancaria adquirira um edificio proprio, que modificara completamente, tornando-o digno da cidade, eis o que imediatamente verificámos, e, assim, a ideia nos veio de saber qual seria o papel que a Casa Pinto & Sotto Mayor se propunha desempenhar na vida economica da cidade:

Um comerciante, era quem melhor poderia informar. Portanto, procurámos ouvir a opinião autorisada de determinada firma que, no comercio local, goza da mais elevada reputação.

—A Casa Pinto & Sotto Mayor?! — pergunta o nosso interlocutor admirado de que ignorassemos qual a missão que ella se propõe cumprir no mundo comercial e industrial — Mas se é hoje, o Banco mais acreditado, mais forte do paiz!

E perante a nossa ignorancia — somos jornalista, não sabemos o que se passa no mundo em que não vivemos — o nosso entrevistado, sorri compassivamente e diz, sob a recomendação previa de que tudo quanto ia dizer, ficaria entre nós:

—Ultimamente em Coimbra, havia uma falta sensivel de numerario. Os commerciantes não viam os seus creditos abertos, tanto quanto seria necessario, para uma expressão mais vasta do seu commercio, pra um impulso maior das industrias. Porém, a Casa Pinto & Sotto Mayor, surgindo, ultimamente, foi como uma alma nova, como uma força divina trazida em socorro do desenvolvimento local.

«E, é pra registar: Poucos dias são decorridos, após a abertura dessa agencia e os efeitos já se sentem, fortes, vigorosos e animadores, como sangue novo infiltrado nas veias dum moço, empreendedor e ousado, mas a quem faltasse o essencial para resistir e vencer nas lutas terriveis da vida.

«E depois, é por todos conhecida a immensidade insuspeita, do numerario — e nada mais.

finito que existe nos cofres da Casa Pinto & Sotto Mayor...

—Assim?... —

«... Esse Banco — interrompe o nosso interlocutor — não hesita, desde que reconheça seriedade e actividade a quem a elle recorre, em ajudar, todos os ramos de comercio e de industria, animando monetariamente toda e qualquer iniciativa.

«E o comercio e a industria local, com a instalação nesta cidade, da Casa Pinto & Sotto Mayor, só teve motivo para felicitar-se, pois poderão, ajudados por ella conseguir um desenvolvimento maior, do que a cidade só terá a lucrar.

«E no meio comercial e industrial coimbrão, reside forte o desejo do desenvolvimento. E a Casa Pinto & Sotto Mayor — estou certo disso — não lhes negará apoio e capital.

—Mas, nesse caso deve ser grande a affluencia...

De novo o nosso entrevistado nos interrompe, um sorriso nos labios e no olhar uma expressão intelligente.

—Não. E' desconhecer por completo a escrupulosidade das negociações realizadas nessa casa bancaria.

«Com isto, ella sómente visa o credito de si propria, pela selecção da sua clientela.

—E ha já algum ramo de industria, funcionando sob a ajuda da Casa Pinto & Sotto Mayor?

—Se ha?! Isso nem se pergunta. Já haviam antes da abertura da filial e basta dizer-lhe que algumas industrias, estiveram paradas, aguardando a fundação da filial, para prosseguirem depois fortes no apoio, certos no resultado.

Depois, diz, em tom de grande convicção:

—Sei, sómente e com conhecimento de causa, que a Casa Pinto & Sotto Mayor mantem o ais perfeito entendimento com os outros Bancos, notoriamente com o Ultramarino.

—E simpatias, por parte da população?

—Gosa das maiores, e todos se lembram que em comemoração da inauguração da filial, a Casa Pinto & Sotto Mayor, mandou distribuir, pelas varias obras de beneficencia e caridade, de Coimbra, avulsa quantia.

E o nosso entrevistado, conclue:

—Já vê que a cidade, com a instalação dessa casa bancaria só deve regosijar-se

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISEOA

PORTO

RUA DO CURO, 18, 24

PAÇA DA LIBERDADE, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras — Fundos publicos nacionais e estrangeiros

COIMBRA ENGRANDECIDA

Novos mercados

abertura de ruas e avenidas

O que nos disse o sr. dr. Sanches de Moraes vice-presidente da Camara Municipal

Coimbra, a lusa Atenas, essa cidade por tantos motivos illustre, hoje—saibam-no todos—sofreu uma modificação radical; atravessa um periodo febril de actividade; vive desejos de engrandecimento, de emancipação economica, conscia do dispendio de energia, esperançosa num futuro que aneia e para o qual trabalha afanosamente.

A Coimbra dos estudantes, a Coimbra das lendas, das margens sonhadoras do Mondego, vivendo espiritualidade e poesia, despertada pelo silencio divino das noites de luar ao som maviosissimo das guitarras e dos trinaços tristonhos do Fado, desapareceu —e em seu lugar, uma outra cidade nos surge, menos poetica, menos espiritual é certo, mas mais positiva, mais firme na marcha segura e rapida que conduz ao Progresso; mais modernizada, toda afanosa na vontade grande de independencia, que engrandece e enobrece.

Conheciamos o esforço honroso de iniciativa dispendido pela Camara Municipal na obra de reconstrução, mesmo na de organização economica da cidade; conheciamos tambem o muito que a cidade deve já, ao enormissimo concurso e ao mais carinhoso auxilio que a actual vereação lhe tem prestado, e com que se tem dedicado aos interesses vitais, não só do municipio, mas até do proprio distrito.

Portanto, um caminho nos estava naturalmente indicado: ouvir alguém que, superintendendo nos destinos da cidade, algo de interessante nos pudesse dizer, para conhecimento dos leitores do *Diario de Lisboa*.

E assim, dirigimo-nos aos Paços do Concelho, na Praça 8 de Maio; e, subindo ao primeiro andar do edificio, fomos, depois de anunciados, imediatamente recebidos pelo

vice-presidente da Camara Municipal de Coimbra.

O sr. dr. Sanches de Moraes, que no seu gabinete conferenciava com o sr. Moura Marques, importante comerciante e vereador municipal, recebeu-nos com uma lhaneza que nos cativou e com uma gentileza que melhor nos dispoz, ao mesmo tempo que nos convidava a declarar o fim que ali nos levava:

—Ouvir de V. Ex.^a tudo quanto a Camara se propõe fazer para o embelezamento e progresso de Coimbra—dissemos.

O sr. dr. Sanches de Moraes sorri, hesita modestamente, e, decidindo-se, responde-nos:

—A camara, impoz-se a si propria a missão difficil—mas que a todo o transe quere e ha de cumprir—de transformar, reedificar e erguer a cidade á altura dos seus meritos e do seu lugar, como terceira cidade do País. A cidade progride, alarga-se, desenvolve-se commercial, industrial e economicamente; urge pois, é de necessidade absoluta, dar-lhe um aspecto condigno e uma apresentação honrosa.

—E como?—pergunta o interessado jornalista.

—A camara tem o proposito de mandar construir um ou dois mercados; pois o unico que actualmente abastece a cidade, além de antiquado, é acanhado e improprio; e bem assim o da abertura de novas arterias e Avenidas; dando portanto, a Coimbra o ensejo e a facilidade de mais ainda se expandir.

E como fizéssemos parte da impressão desagradavel que nos causara o triste espectáculo que a cidade á noite nos oferece, completamente ás escuras, sem um unico lampião a guiar-nos o passo ou a segurança do caminho, o vice-presidente da camara; responde-nos, depois, num tom de certeza prasenteira.

—Felizmente, por pouco tempo Coimbra se verá ainda forçada a essa condenação imerecida—e de que a actual vereação não é culpada—pois já em Outubro proximo, o mais tardar em Novembro, a electricidade jorrará em inundação de luz, pelo menos na parte central.

Esta afirmação é apoiada pelo vereador sr. Moura Marques —que assiste á entrevista—e ajunta, que a iluminação electrica se estende á maioria das casas particulares, que na sua grande parte já possuem a respectiva instalação.

Perguntado se a iluminação publica continuaria como industria municipalisada, o sr. dr. Sanches Moraes, responde-nos:

—Evidentemente. Não ignora, por certo, que os serviços municipalisados, (iluminação, gaz, agua e viação electrica) constituem uma das melhores fontes de receita da camara.

Mesmo—atalha o sr. Moura Marques—impunha-se ao interesse local, que a exploração dessas industrias, revertesse em proveito do municipio ou seja da comunidade, do que na do interesse de estranhos, quer do país, quer do municipio.

—N'esse caso, a exploração desses serviços?...

—... Que a principio foi um forte encargo para a Camara—interrompe o sr. dr. Sanches de Moraes—constitue hoje uma receita, nada para desprezar.

—E em breve—continua o illustre vice-presidente—fornecendo, como nos propomos, a energia electrica para o movimento da industria local, essa receita deve aumentar.

—E a Camara não se resolverá um dia a entregar esses serviços á exploração particular?

O sr. dr. Sanches de Moraes hesita um pouco em responder; e depois:

—E' possivel. Talvez um dia a Camara tome essa resolução.

A conversa, agora, toma um rumo diferente e enca-minha-se para a questão do regionalismo; e a proposito duma corrente de opinião, descabida e condenavel para os da cidade, contraria a todos os direitos adquiridos pela configuração corografica e ainda pela natureza, indole e caracter da população do districto, conforme a opinião do sr. dr. Sanches de Moraes e pela qual, Coimbra deveria pertencer ao Douro e não á Beira, o sr. Moura Marques, declara:

—Coimbra é Beira: di-lo a terra, di-lo o sangue dos filhos do districto...

—Mas isso—interrompe o vice-presidente—é assunto discutido. Coimbra foi, é, quere e ha de ser Beira. E no no Congresso Beirão, ficou esse ponto discutido, e esta cidade reconhecida como capital das Beiras.

Ainda assim, e para que duma vez para sempre esse assunto fique esclarecido e arrumado, o distinto professor sr. dr. Fezas Vital, está estudando e elaborando um codigo administrativo, que será apresentado no proximo congresso municipalista a realizar no Porto, no proximo mês de de outubro, pelas leis do qual acabarão dissensões e nascerá a organica administrativa.

Despedimo-nos. Porem o sr. dr. Sanches de Moraes, tendo de sair tambem, acompanha-nos, desce a escadaria principal do edificio com o redactor do *Diario de Lisboa* e já na praça 8 de Maio e com um ultimo aperto de mão, diz-nos ainda:

—No que respeita aos interesses de Coimbra, entre a vereação, apesar de constituída por duas facções politicas, conjunção republicana e nacionalista, reina a mais perfeita harmonia.

«Não ha partidarios dentro da actual vereação municipal desta Camara... Há somente coimbricenses.

DAS 5 PARTES
DO MUNDO

ESTRANGEIRO

DAS 5 PARTES
DO MUNDO

NOVAS DE LONDRES

O 'SPORT'

INGLES

e o que vão ser
os proximos jogos olimpicos

LONDRES, 28

Lord Birkenhead como presidente da comissão da Associação Olímpica Britânica apelou para o publico por intermedio dos jornais para que a Inglaterra seja tão bem representada quanto possível nos proximos jogos olimpicos em Paris. Disse que quasi todos os países do mundo estão fazendo grandes esforços para serem representados nos jogos olimpicos pelo escol dos seus atletas vindos de todas as classes sociais. A Inglaterra nunca se distinguia extraordinariamente nos jogos olimpicos e estão-se agora fazendo grandes esforços para que ela seja bem representada no maior certamen atletico do mundo. Lord Birkenhead acrescentou que se devia proceder de forma que nenhum homem capaz de honrar a Inglaterra pudesse ser repellido por motivo da sua pobreza. O rei, o principe de Gales e o duque de York já concorreram com generosas subscrições para esse fim. — (R.)

O «Lawn-tennis»

e a jogadora francesa Langlen

LONDRES, 28.

«Mademoiselle» Langlen despertou grande atenção e curiosidade no concurso de «Lawn-Tennis» em Wimbledon. Jogou contra ela «Miss» Ingram uma das jogadoras mais populares na Inglaterra. «Mademoiselle» Langlen ficou victoriosa. — (R.)

Cinema Condes

Nova estreia do macaco Faustino
Os animais no Cinema

Um novo e retumbante exito vai alcançar a estreia de ontem no Condes, como ante-ontem ali o obteve a estreia do 3.º episodio dos «Páris do Amor», o interessante e sugestivo romance folhetim de 30 curioso entrecho. Na estreia de ontem as honras da noite couberam ao impagavel Faustino, macaco mais intelligente que muitos homens, que nos mostrou como é capaz de «governar a vida» e garantir a banana por todo o resto dos seus dias. Nessa curiosa estreia entraram tambem «desempenhando» ir notantes papeis, uma cobra, um cão, etc. A regular frequentadora do Condes, teve ontem uma das suas belas noites de alegria admirando este novo e sensacional trabalho do seu amiguinho Faustino. Sexta-feira, estreia, «Noite de Carnaval».

EDEN-TEATRO

TELEPHONE N. 3800

SABADO SABADO

A nova revista em 2 actos

CALDO VERDE

Duas sessões A' 8 3/4 e 10 3/4

SABADO

Teixeira, Campos & Almeida, L.
Alfaiates-Mercadores

Acabam de receber o mais completo sortido de casimiras nacionais e estrangeiras para a presente estação.
Rocio, 26, 1.º Telefone N. 4544

PORTUGAL LA FORA

A travessia

AEREA
do Atlantico

apreciada por um jornalista francês

Etienne Fournol, referindo-se, no importante diario de Bruxelas: «Le Sol», á travessia aerea do Atlantico, tem para Portugal estas palavras, que, por igualmente justas e amáveis, nos apraz registar:

«Em nossos dias toda a terra está já explorada, excepção feita das regiões glaciais. E, sendo assim, não se trata já de aumentar o mundo, mas, pelo contrario, de o estreitar; e é por isso que os modernos inventores de rotas terrestres, e sobretudo de rotas aereas, continuam e completam os grandes navegadores e os grandes exploradores, tornando as comunicações mais rapidas e mais facéis. E esta filiação é tanto mais directa e surpreendente quanto é certo que são heróis portugueses quem continua a gloriosa tradição da sua Patria.

O cometimento do almirante Gago Coutinho e do comandante Sacadura Cabral tem, com effeito, traços os mais nitidos e mais energeticamente nacionais. Os dois aviadores atravessaram o Atlantico em cinco «étapes». Aterraram primeiro nas ilhas Canárias, em territorio espanhol; depois em S. Vicente, nas ilhas de Cabo Verde. Em seguida conseguiram uma abordagem perigosissima sobre um rochedo minúsculo que emerge no meio do Oceano. Por fim, dois saltos ainda, do rochedo de S. Paulo á ilha de Fernando Noronha, e daí, sempre ao longo da costa brasileira, ao Rio de Janeiro.

Em toda esta viagem, os navegadores aereos só uma vez puzeram pé em solo onde não se falasse a lingua portuguesa — foi nas Canárias, que pertencem á Espanha — Todos os outros pontos tocados são portugueses ou brasileiros, e portanto, portugueses de lingua.

Sabe-se que o Brasil, outrora descoberto pelos portugueses, foi, até á sua independência, em 1821, uma colonia de Portugal, e é hoje um imenso territorio de lingua portuguesa na America do Sul. Segundo a lei de concentração étnica de todo o mundo moderno, os laços politicos, depois de quebrados entre os dois

paizes, reapertam-se hoje mais e mais, tornando-se cada vez mais activas e mais intimas as comunicações intellectuais. O caracter politico trocou-se, mesmo: o Brasil era, dantes, o palz das revoluções frequentes; hoje, é a mãe patria portuguesa que parece tê-lo substituido nesse papel.

* * *

Agora, abrem-se as grandes rotas da imaginação. Este caminho que dois portugueses seguiram pelos ares em 1922 é o mesmo que, sobre o mar, seguiu, ha mais de 400 anos, um outro português. E' o caminho aberto por Alvares Cabral, o navegador que descobriu o Brasil — a que chamou «Terra da Santa Cruz» — vinte anos antes de Fernão de Magalhães, o primeiro, por seu turno, que deu a volta ao mundo, por mar.

Por esse tempo, um principe português, postado como uma sentinela na extremidade do continente europeu, no seu observatorio do cabo de S. Vicente, enfiava os seus marinheiros cada vez mais longe para as terras então desconhecidas. Cabral descobria o Brasil; Vasco da Gama contornava a Africa e descobria as Indias.

Nesta epoca assás curta de prodigioso delirio geografico, de maravilhas, de prodigios e de riquezas que os navegadores dum pequeno paiz conquistaram para a sua Patria, reitam testemunhos admiraveis: Portugal ergueu monumentos para celebrar a gloria dos seus nautas magnificos — a igreja de Belem, em Lisboa, construida num estilo nacional, recorda ainda hoje o justo orgulho de um povo que descobriu metade do mundo. E para que nada faltasse á sua gloria, nem lhe faltou a Portugal um poeta — Luiz de Camões — o autor desse incomparavel hymno nacional que se chama «Lusadas». Poucos povos conheceram, através da historia, um periodo de glorias mais brilhante e mais rapido.

Não são pois mediocres recordações as despertadas pelo cometimento dos dois aviadores que atravessaram o Atlantico, seguindo a diagonal portuguesa.

CAFE RESTAURANTE «SANTA CRUZ»

Praça 8 de Maio—COIMBRA

(Considerado Monumento Nacional

por decreto de 16 de Agosto de 1921)

SERVIÇO ESMERADO

ALMOÇOS E JANTARES

SERVIÇO A CARTA

OBJECTOS ANTIGOS E MODERNOS

Compra-se, vende-se e troca-se com especialidade moveis, louças, quadros a oleo, gravuras, etc. Antes de fazer qualquer transacção escrever um postal a Antonio Pedro da Silva, Praça Luiz de Camões, 40, esquina da Rua das Gaveas, telefone C. n.º 1096, antigo estabelecimento de Antiguidades e Joias, ouro e pratas em segunda mão.

Economia e higiene no calçado
obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.ª

74, RUA DO CARMO. 74

«SANTINITINE»

O MELHOR DE TODOS OS LICORES

DEPOSITO GERAL

70, 2.º—RUA AUGUSTA—70, 2.º

TELEF. C. 1196

O «APRÉS-LA-GUERRE»

BENTO XI

INTERVEM

com um relatorio
na questão das reparações

ROMA, 28

O Pontifice enviou ao Cardeal Secretario do Estado Gasparri uma carta autografa a qual será transformada num relatorio internacional a enviar aos varios países interessados na questão das reparações.

O Santo Padre convida as varias nações a examinar as questões internacionais, com um espirito cristão incitando os devedores a invocar um juizo imparcial tendo como limite a sua propria solubidade, e pede aos credores que não exagerem as suas contas, achando impossivel a manutenção da occupação territorial como gravissima e perigosa.

A carta termina invocando a inspiração divina para obter a pacificação geral e sincera. — (E.)

A manutenção

das tropas francesas no Ruhr

LONDRES, 28

Na Camara dos Comuns sir William Poynton Hicks, secretario financeiro do ministerio da Guerra chamou a atenção da Camara para as declarações do ministro da Guerra francês que disse que as despesas da manutenção do exercito francês no Ruhr seriam incluídas nas contas do exercito de occupação, declarando que o governo britânico não tinha até agora sido consultado sobre este assunto e que não tinha ainda sobre ele um ponto de vista definitivo. — (R.)

A anexação

da região alemã do Rheno

BERLIM, 28

Dizem de Londres que o «Daily Chronicle» e algumas personalidades politicas acreditam que a publicação no «Observer» do relatorio secreto francês apressará a França nos seus projectos de anexação da região do Rheno.

O dr. Dorton dirigindo-se ao «comité» Duplex de Paris aconselhou os franceses a pôrem rapidamente em pratica os seus planos sobre a região do Rheno. — (R.)

PASTELARIA
ARCADO

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Ponto de reunião da sociedade
de elegante

FIVE O' CLOK TEA

TEATRO AVENIDA

Companhia Aura Abranches

Recita do actor AUGUSTO MACHADO

Ultima representação da peça

A Mãe

Amanhã—Recita da actriz Adalina Abranches—1.ª representação da peça

PARA VIVER FELIZ

6 HORAS
DA
TARDE

ULTIMAS NOTICIAS

6 HORAS
DA
TARDE

O 19 DE OUTUBRO

A SENTENÇA
deve ser lida
amanhã pela tarde

Devê ser lida amanhã a sentença dos oficiais que se encontravam no Arsenal na noite de 19 de outubro.

A audiência que estava marcada para as 12 horas, só começou às 13.

Continua nas suas alegações o sr. dr. Orlando Marçal. Tirando conclusões:

—Um comandante fraco, na frase, do sr. promotor, quer dizer: que cruza os braços. Ora, a verdade manda dizer que, tanto o sr. Luiz Ramos, como os restantes oficiais, se mais diligências não fizeram para a manutenção da ordem foi porque não puderam. O meu constituinte mandou tocar a unir por três vezes: pediu forças para policiar o Largo do Pelourinho, ao coronel sr. Baptista, chefe do estado maior da G. N. R.

Agora interroga:

—O meu constituinte deu ordens rigorosas para que o portão do Arsenal se não abrisse. Porque se abriu ele pela primeira vez? Por imposição do sr. Cunha Leal que depois de pensado, fez varias tentativas para sair. Porque se abriu o portão pela segunda vez? Porque se encontrava a porta do Arsenal, Carlos da Maia, em risco de ser ferido pela turbamulta. Foram estas as unicas vezes que o portão se abriu. Sucedeu depois aquilo que nós todos deploramos. Que culpas podem ter os officiaes que estão respondendo no que succedeu?

Uma pausa.

Referindo-se ao sargento Lino afirma que ele cumpriu as ordens recebidas dos seus superiores para a manutenção da ordem.

O sr. dr. Santos Lourenço, começa assim o seu discurso:

—Venerando tribunal. Desde os primeiros dias deste julgamento, que ando a bradar pelos corredores deste tribunal a dificuldade que tinha em fazer a defesa dos meus constituintes visto não haver acusações contra eles. E para que estou eu a falar, o que estou eu a dizer, a acusação não me forneceu materia para a de eza? O sr. promotor disse que o devia ser modificado o libelo e a incriminação passar para uma infracção disciplinar.

Dirigindo-se ao juri:

—V. Ex.^a não tem competencia para aplicar penas disciplinares aos meus constituintes.

E começa a citar, leis, paragrafos, artigos e codigos da armada e do exercito, para confirmar o que acabava de declarar.

O comandante Tavares da Silva, defensor do capitão de fragata Julio José dos Santos, traça o perfil deste official. Terminando, pede aos jurados para não permitir o labeu de cobarde a um homem encanecido no mar, e habituado a todos os perigos.

A seguir, fala o sr. dr. Jacinto Freitas, que faz um brilhante discurso.

Na proxima quinta feira é julgado o conhecido revolucionario Armando de Azevedo.

A iluminação electrica
na Praia das Maças

Pedem-nos para chamarmos a atenção da repartição das industrias electricas e da Camara de Cintra para a falta de luz na Praia das Maças, onde segundo nos informam, houve um pequeno desarranjo na maquina existente e a concessionaria, Empresa Electrica, Limitada, ha mais de 10 dias que não dá providencias, apesar de ter outra maquina, que podia rapidamente montar.

Apontadores de obras publicas

Uma comissão de apontadores de obras publicas procurou hoje o sr. ministro do Comercio, para instar pela solução de reclamações que interessam a classe.

Doenças da boca e dos maxillares

Extracção de dentes e raizes com anestesia — Dentes artificiaes

Em consulta especial para as classes menos abastadas e a preços de policlinica ás 10 horas no

Consultorio do Dr. Ferreira Pires
R. Jardim do Regedor, 51, I.^o

A TARDE PARLAMENTAR

A moral
no exercito

Um importante discurso do deputado Torres Garcia

A sessão reabre cerca das 15 e 30. Na presidencia, para variar, está o sr. Constancio de Oliveira.

Continua em discussão o novo parecer sobre o orçamento do ministerio da Guerra.

Fala o sr. Viriato da Fonseca que tinha ficado com a palavra reservada. Conclue as suas considerações por dizer que é preciso evitar a todo o transe que o bolchevismo assente arraisais dentro do exercito.

O sr. Viriato da Fonseca envia ainda para a mesa uma proposta segundo a qual os quadros permanentes do exercito metropolitano passariam a ser fixados no decreto de 25 de Maio de 1911, ficando os officiaes e praças que excedem esses quadros a ser considerados supranumerarios até conseguirem vaga.

Faz-se a votação para admissão da proposta. O sr. Canceleda de Abreu, para verificar se ha numero, requer contra-prova. Ha numero.

Tem a palavra o sr. Torres Garcia.

O jornalista adivinha que ele vai fazer um longo discurso. E assim succede. Mas o discurso do sr. Torres Garcia tem interesse.

Sem exageros de palavras nem de gestos o orador reclama a normalisação dos servicos militares em todas as suas especialidades tecnicas e até nos comandos superiores.

Um trecho do discurso do sr. Torres Garcia:

—Quando apresentei o projecto que se refere á fixação e organização dos quadros o sr. ministro da Guerra, falou em agravos feitos por paisanos ao exercito. Eu não agravei nunca o exercito! Sempre tenho procurado levantá-lo, sempre tenho defendido o seu prestigio moral. São os militares que muitas vezes o deprimem e agravam. Recorde-se por exemplo o caso de Santarem quando da nossa intervenção na guerra: os officiaes recusaram-se a marchar para França.

NO SENADO

A DISCUSSÃO
DOS ORÇAMENTOS

Sob a presidencia do sr. Correia Barreto, que é secretariado pelos srs. Pereira Gil e Anacleto da Silva, é declarada aberta a sessão ás 15.10.

O sr. presidente dá conhecimento de um officio vindo da Camara dos Deputados pedindo a convocação do Congresso para ser votada a prorrogação da actual sessão legislativa.

O sr. Tomás de Vilhena, em aparte:

—Razão tinha eu, sr. presidente, quando apresentei a proposta no Congresso prolongando os trabalhos parlamentares por mais tempo. Não quizeram... As minhas propostas são sempre sinteras...

O sr. Medeiros Franco reclama immediatas providencias para que o efectivo do regimento de infantaria 26, de Ponta Delgada, seja elevado de 100 para 150 praças afim de se poderem satisfazer as requisições de delicias, feitas pelas autoridades do concelho daquele distrito. Por motivos de saúde — a peste bubonica — e com a extinção da guarda republicana, torna-se difficil ás autoridades locais a efectivação das medidas julgadas indispensaveis por quem de direito, sem o auxilio dos destacamentos ou delicias militares que tão altos servicos prestam entre as populações rurais.

O discurso do sr. Torres Garcia foi por vezes interrompido pelos general Pereira Bastos, Vasco Borges e Pires Monteiro.

O sr. Vasco Borges que a seguir usa da palavra reconhece que ao Parlamento deve merecer a maior consideração e atenção o problema da defesa nacional.

Afirma:

—Não sou militar nem miliarista. Mas tenho um grande culto pelo exercito e entendo que a sua organização deve corresponder ao alto papel que ele desempenha na sociedade.

O sr. Vasco Borges fez depois a defesa do regimen miliciano, criticando a falta de cumprimento das leis militares que dizem respeito a escolas de recrutas e escolas de repetição.

O sr. Ayres de Ornelas preconiza a necessidade inadiavel de reformar a estrutura.

—E' desoladora a nossa situação militar — diz o leader monarchico. E porquê? Porque não aproveitamos os ensinamentos da grande guerra. O sr. ministro da guerra, a camara e o pais devem pensar a serio no problema da organização militar.

Uma estreia — a do deputado David Rodrigues, eleito por Bragança. E' militar e, após uma saudação a todos os parlamentares e um elogio especial ao sr. dr. Antonio da Fonseca, principia a abordar assuntos militares com grande brilho e sapiencia. A Camara escuta-o com muito interesse. A sua palavra á facil. Expõe com muita clareza. Possui excellentes qualidades para ser um excelente parlamentar.

Amanhã ás 17 e 30 reúne o Congresso para votar a prorrogação dos trabalhos parlamentares.

A ILUMINAÇÃO

LUZ! LUZ!
para as arterias
mais necessitadas

Agora que o contracto entre a Camara Municipal e a Sociedade Companhias Reunidas Gaz e Electricidade está fechado, estando-se em vespuras de uma boa iluminação publica, ha tanto tempo reconhecida como necessaria, convem lembrar a Comissão Executiva da Camara Municipal algumas das arterias da cidade dignas de serem convenientemente iluminadas de preferencia a outras onde a falta de luz menos se faça sentir.

Ha, com efeito, ruas mergulhadas em tão profunda escuridão que o transito se torna difficilissimo, principalmente nas noites em que não ha luar, dando-se até com frequencia varios assaltos aos despreocupados transeantes, como ainda ha pouco succedeu com um conductor dos carros electricos.

No entonamento das Avenidas Valbom e Marquez de Tomar com a rua João Crisostomo existe um largo onde foi feita uma placa que julgamos destinada á colocação dum foco electrico. Realmente bastava a colocação desse foco para o largo ficar regularmente iluminado.

Em geral, pôde afirmar-se que todas as Avenidas Novas enfermam de falta de luz, principalmente o bairro de S. Sebastião da Pedreira, onde ha ruas, como a de Luiz Bivar, onde, a par da porcarias e dos monturos, provenientes das edificações, a escuridão chega a ser completa.

Urge, pois, que uma comissão de technicos percorra toda a cidade, de forma a serem atendidas em primeiro logar as arterias mais necessitadas, evitando-se os compadrios que só favorecem os interesses particulares de cada um, prejudicando, absolutamente o interesse colectivo que aos primeiros se devem vantajosamente sobrepor.

Canhoneira "Patria"

Apresentou-se no ministerio das Colonias o capitão de fragata sr. Cesar Batalha, ex-comandante da canhoneira «Patria», surta em Macau.

Malas postais

Pelo «Alondra» são amanhã expedidas malas postais para a Madeira, Las Palmas e Africa Oriental, via Madeira, sendo a ultima tiragem da caixa geral ás 13 e fechando os registos ás 11.

MUSICA

Audição Beatriz Cerreia

Com numerosa e escolhida assistencia realizou-se no passado domingo, no Salão do Conservatorio a apresentação dos alunos desta distinctissima professora de piano.

Na primeira parte executaram-se obras de Haendel, Beethoven, Chopin e Moskowski, sendo a terceira dedicada exclusivamente a autores portugueses: Viana da Mota, Freitas Branco e Rodrigo da Fonseca.

Dentre os varios alunos foi muito aplaudida mademoiselle Lucia Moreira na lindissima «chula» de Viana da Mota, á qual imprimiu, apesar dos seus 12 anos, toda a beleza e cadencia da linda partitura do insigne pianista.

Todos os que tiveram o grato prazer espirital de assistir a tão linda festa foram unanimes nos aplausos á illustre professora D. Beatriz Cerreia pelo seu esplendido metodo de ensino e pelo carinho que consagra ás suas discipulas que no final a encheram de flores, como que a tributar-lhe todo o seu reconhecimento e estima.

CAMBIOS

DIA 28

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque.....	2 11 32	2 11 64
90 dias.....	—	—
Paris.....	15765	15360
Berlim.....	0.10	0.20
Holanda.....	35710	35500
Madrid.....	35265	35305
Bruxelas.....	15165	15175
Roma.....	15000	15010
Suica.....	359.5	45000
Suecia.....	2	—
Noruega.....	—	—
Dinamarca.....	—	—
Nova York.....	2 5200	225400
Brasil.....	25 50	25520
Rio de Janeiro.....	5 27 32	—
Libra esterlina.....	—	—
Agio do ouro.....	—	—

GRANDE CAFE D'ITALIA

VENDE
PALHAS ENVOLUCRADAS PARA CARAPINHADAS